

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – ICSA  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS – DEECO

**O RESTAURO DE BENS MÓVEIS E A FORMAÇÃO DE RESTAURADORES –  
ANÁLISE INTRODUTÓRIA DOS PERCURSOS DOS EGRESSOS DA FAOP**

Isabelle Cristina Reis Machado

MARIANA – MG  
2020

ISABELLE CRISTINA REIS MACHADO

O RESTAURO DE BENS MÓVEIS E A FORMAÇÃO DE RESTAURADORES –  
ANÁLISE INTRODUTÓRIA DOS PERCURSOS DOS EGRESSOS DA FAOP

Monografia apresentada ao Curso de Ciências Econômicas da  
Universidade Federal de Ouro Preto como requisito para obtenção do  
título de Bacharel em Ciências Econômicas.

Orientador: Prof. Dr. José Artur dos Santos Ferreira

MARIANA – MG  
2020

## SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

M149o Machado, Isabelle Cristina Reis.

O restauro de bens móveis e a formação de restauradores  
[manuscrito]: análise introdutória dos percursos dos egressos da FAOP. /  
Isabelle Cristina Reis Machado. - 2020.  
77 f.: il.: color., gráf., tab..

Orientador: Prof. Dr. José Artur dos Santos Ferreira.  
Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto.  
Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Ciências  
Econômicas .

1. Fundação de Arte de Ouro Preto. 2. Arte - Conservação e  
restauração. 3. Bens imóveis. 4. Economia - Aspectos sociológicos. 5.  
Educação - Aspectos sociais. I. Ferreira, José Artur dos Santos. II.  
Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 377



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO  
REITORIA  
ESCOLA DE MINAS  
DEPARTAMENTO DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E ECON

**FOLHA DE APROVAÇÃO**

Isabelle Cristina Reis Machado

**O restauro de bens móveis e a formação de restauradores - análise introdutória dos percursos dos egressos da FAOP",**

Monografia apresentada ao Curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Ciências Econômicas

Concedeu-se à estudante 30 minutos para apresentação do seu trabalho, procedeu-se à arguição, após a qual os membros da Banca Examinadora reuniram-se para deliberar decidindo pela aprovação do trabalho com nota de 9,8/10. Para constar, a presente ata é datada e assinada pelo Orientador da banca com o seguinte parecer final: 'A banca considera que a monografia atende os requisitos para a apresentação de um trabalho de conclusão de curso em economia. O trabalho apresenta cuidadosa revisão bibliográfica, definição do problema e metodologia adequados e incorpora elementos novos para compreender o papel das atividades artísticas e culturais (e de conservação do patrimônio histórico) para o desenvolvimento do município de Ouro Preto.'

Aprovada em 26 de novembro de 2020

## Membros da banca

Professor - José Artur dos Santos Ferreira - Orientador (Universidade Federal de Ouro Preto)  
Professora - Gabriela Lopes de Moura Rangel - (Fundação de Arte de Ouro Preto)  
Professor - Jonas Durval Cremasco - (Universidade Federal de Ouro Preto)

José Artur dos Santos Ferreira, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 02/01/2021



Documento assinado eletronicamente por **Jose Artur dos Santos Ferreira, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 02/01/2021, às 17:48, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [http://sei.ufop.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **0120048** e o código CRC **428285E2**.

Referência: Caso responda este documento, indicar expressamente o Processo nº 23109.000001/2021-84

SEI nº 0120048

R. Diogo de Vasconcelos, 122, - Bairro Pilar Ouro Preto/MG, CEP 35400-000  
Telefone: 3135591540 - www.ufop.br

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente pelo dom da vida.

Agradeço aos meus pais por tanto amor e paciência. Obrigada por sempre acreditarem em mim!

Agradeço aos meus tios Dayse e Fernando e minha prima e afilhada Michelle por se fazerem sempre presentes e me apoiarem.

Agradeço ao meu orientador José Artur que foi luz no meu caminho. Obrigada pela paciência e troca de aprendizados!

Agradeço a Raquel e a Laura pelo companheirismo e força desde o meu primeiro dia no curso até a reta final. Sem vocês nada disso seria possível.

Agradeço à minha República Afrodite e todas as minhas irmãs de alma. Levo cada uma de vocês no coração.

Agradeço à colaboração da FAOP e à generosidade de Júlia Mitraud, Sandra Fosque, Gabriela Rangel e César, que, além das informações prestadas, franquearam o acesso à Fundação e seus arquivos, tornaram possível a realização deste estudo.

Agradeço às críticas e sugestões da Professora Gabriela Lopes de Moura Rangel e do Professor Jonas Durval Cremasco durante a apresentação desta monografia.

Por fim, agradeço à UFOP e à Ouro Preto por todo aprendizado e por ter me proporcionado os melhores anos da minha vida.

## RESUMO

A pesquisa a seguir visa compreender a necessidade de formar profissionais de restauração qualificados e como se desenvolveu o Curso de Restauração e Conservação de Bens Móveis da Fundação de Arte de Ouro Preto. Outro objetivo desta pesquisa é analisar a trajetória dos egressos e identificar redes sociais estabelecidas entre alunos, ex-alunos, professores e a Fundação, empregando conceitos da Sociologia Econômica.

**Palavras-chave:** Ouro Preto, FAOP, Egressos, Curso em Conservação e Restauo, Redes Sociais

## **ABSTRACT**

The following research aims to understand the need to train qualified restoration professionals and how the Course of Restoration and Conservation of Mobile Goods of Ouro Preto Art Foundation had developed. Another purpose of this research is to analyze the trajectory of graduates and identify social networks established among students, former students, teachers and the Foundation, by using elements of Economic Sociology.

**Key words:** Ouro Preto, FAOP, Graduates, Conservation and Restoration Course, Networks

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Áreas de atuação dos egressos do Curso Técnico de Nível Médio em Conservação e Restauro da FAOP que não estão trabalhando na área de formação (2003-2018)

Gráfico 2. Áreas de atuação dos egressos do Curso Técnico de Nível Médio em Conservação e Restauro da FAOP que estão trabalhando na área de formação (2003-2018)

Gráfico 3. Número absoluto de egressos que trabalham ou não na área de formação segundo número da turma dos egressos do Curso Técnico de Nível Médio em Conservação e Restauro da FAOP (2003-2018)

Gráfico 4. Porcentagem dos egressos que trabalham ou não na área de formação segundo número da turma dos egressos do Curso Técnico de Nível Médio em Conservação e Restauro da FAOP (2003-2018)

Gráfico 5. Áreas de estudo dos egressos do Curso Técnico de Nível Médio em Conservação e Restauro da FAOP que deram continuidade à sua escolarização (2003-2018)

Gráfico 6. Continuidade dos estudos dos egressos do Curso Técnico de Nível Médio em Conservação e Restauro da FAOP que deram continuidade à sua escolarização (2003-2018)



## LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Primeiro módulo do Curso Técnico em Conservação e Restauro da FAOP

Quadro 2. Segundo módulo do Curso Técnico em Conservação e Restauro da FAOP

Quadro 3. Terceiro módulo do Curso Técnico em Conservação e Restauro da FAOP

Quadro 4. Quarto módulo do Curso Técnico em Conservação e Restauro da FAOP

Quadro 5. Quinto módulo do Curso Técnico em Conservação e Restauro da FAOP

Quadro 6. Cursos de Bacharelado em Restauro de Bens Culturais no Brasil em funcionamento – principais características

Quadro 7. Cursos Técnicos em Restauro de Bens Culturais no Brasil em funcionamento – principais características

Quadro 8. Média, mediana e desvio padrão para a informação ‘trabalham na área de formação’ dos Grupos 1 e 2 de egressos do Curso Técnico em Conservação e Restauro da FAOP (2003-2018)

## Sumário

AGRADECIMENTOS.....	2
INTRODUÇÃO.....	8
1 UM PRESENTE DO PASSADO: A INVENÇÃO DO PATRIMÔNIO E A VALORIZAÇÃO DO FAZER ARTÍSTICO COMO PROJETO NACIONAL A PARTIR DO OLHAR SOBRE A MINAS BARROCA .....	12
2 A ORIGEM E A EVOLUÇÃO DO CURSO EM RESTAURO DA FAOP .....	23
2.1 As origens da FAOP .....	23
2.2 As origens e evolução do Curso em Conservação e Restauro da FAOP .....	27
2.2.1 As origens do curso em restauro da FAOP .....	28
2.2.2 A evolução do Curso em Conservação e Restauro da FAOP .....	31
2.3 As características dos cursos de restauro no país, breve comparação com o curso da FAOP.....	38
ANEXO I – AFETOS E REINVENÇÃO DE UMA IDEIA: O PROJETO CANTARIA .....	43
ANEXO II - AS LEIS DE INCENTIVO E AS INOVAÇÕES NO FINANCIAMENTO DO RESTAURO DE BENS HISTÓRICOS .....	12
3 O CURSO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURO DA EARMFA/FAOP SERIA UMA INCUBADORA DE TALENTOS, CONTRIBUINDO PARA A FORMAÇÃO DO MERCADO DE TRABALHO PARA RESTAURADORES NO BRASIL? .....	53
3.1 As ideias de laços sociais e de estrutura social na Sociologia Econômica .....	53
3.2 Análise do levantamento anual com os egressos do Curso Técnico em Conservação e Restauro da EARMFA realizado pela FAOP .....	56
3.3 O que dizem os egressos da EARMFA/FAOP sobre seus percursos profissionais?.....	62
ANEXO I - RELAÇÃO DOS EGRESSOS ENTREVISTADOS DO CURSO TÉCNICO DE NÍVEL MÉDIO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURO .....	64
ANEXO II - QUESTIONÁRIO ENVIADO AOS EGRESSOS ENTREVISTADOS DO CURSO TÉCNICO NÍVEL MÉDIO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURO .....	65
CONCLUSÃO .....	66
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	70

## INTRODUÇÃO

A monografia tem como título “O RESTAURO DE BENS MÓVEIS E A FORMAÇÃO DE RESTAURADORES – ANÁLISE INTRODUTÓRIA DOS PERCURSOS DOS EGRESSOS DA FAOP”. A fim de invocar a relação entre passado e futuro, no primeiro capítulo é abordada a temática do movimento modernista, que teve como marco a Semana de Arte Moderna de 1922 e que teve como foco as questões relacionadas à identidade nacional. Comentamos a viagem dos modernistas paulistas com o poeta franco-suíço Blaise Cendrars – uma caravana pelas cidades históricas de Minas Gerais. A viagem tinha como objetivo visitar e explorar o passado brasileiro para que fosse possível desvendar as origens da nacionalidade e construir um país moderno. Consistia numa busca, no passado, de aspectos que seriam reinventados no presente, uma vez que o Brasil moderno estaria intimamente relacionado com o passado e, Minas, portanto, era moderna porque era tradicional.

Anos mais tarde, em 1937, a criação do Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), órgão que instituiu o tombamento como principal instrumento para organizar as ações de proteção do patrimônio histórico e artístico nacional, contou com o empenho do modernista Mário de Andrade. A crescente preocupação dos técnicos e da direção do SPHAN com o restauro de bens móveis permitiu a formação do restaurador Jair Afonso Inácio. O último, por sua vez, criou, em 1971, o curso de Conservação de Obras de Arte, junto à Fundação de Arte de Ouro Preto (FAOP).

O segundo capítulo conta a história da criação da FAOP e da posterior integração do curso fundado por Jair Inácio à instituição.

É importante ressaltar que as décadas de 60 e 70 foram marcadas por grande censura e repressão aos meios de comunicação e aos artistas por conta da Ditadura Militar que, em 1964, golpeou de uma só vez a democracia brasileira. Neste contexto de resistência política e cultural muitas vezes velada, Ouro Preto sediou, a partir de 1967, os Festivais de Inverno da UFMG e abrigou inúmeros artistas e intelectuais nos chamados anos de chumbo. Numa negociação com o então Governador de Minas Gerais, Israel Pinheiro, Vinícius de Moraes, Domitila do Amaral, Rui Mourão, Affonso Ávila e Murilo Rubião foram responsáveis pela criação da FAOP. Mas, como veremos a nova Fundação tomará corpo quando incorpora duas iniciativas concomitantes, a

‘escolinha de arte de Annamélia Lopes e Nello Nuno, por um lado, e o curso de Conservação de Obras de Arte de Jair Inácio.

O capítulo ainda possui dois anexos que abordam a arte da cantaria e as leis de incentivo à cultura (inclusive ao restauro de bens históricos). Para tanto, no primeiro anexo, fez-se necessária a pesquisa sobre o projeto de extensão da UFOP no site da própria Universidade e em artigos relacionados. Já no segundo anexo, descrevemos, brevemente, como as leis de incentivo funcionam desde a década de 90, as inovações que introduziram no financiamento à cultura e as mudanças recentes que sofreram (2019).

No terceiro capítulo, com o intuito de subsidiar nossa análise sobre as relações da FAOP com seus egressos (e entre os egressos) é abordada a ideia de laços sociais e estrutura social na sociologia econômica. O autor Mark Granovetter defende um enfoque estrutural do mercado, isto é, o mercado seria estruturado através de redes interpessoais. Estas são compostas por laços e a força de um laço é resultante de uma combinação entre intensidade emocional, quantidade de tempo, intimidade e serviços recíprocos entre os envolvidos.

A fim de levantar elementos, ainda que não conclusivos, que apontem o papel da FAOP na construção de laços sociais, inicialmente, analisamos um levantamento realizado pela FAOP com seus egressos. Para o êxito de nosso trabalho foi fundamental a colaboração da FAOP que, generosamente, além de contribuir com entrevistas e de franquear o acesso as suas instalações, disponibilizou um arquivo contendo aquele levantamento de informações a respeito dos egressos da primeira turma regular do novo formato do curso de restauro, que ingressou no curso em janeiro de 2002, até a trigésima nona, que ingressou em julho de 2016. Para analisar as informações, utilizamos instrumentos de estatística descritiva.

Em seguida, a partir da mesma base de dados, alguns egressos do curso de Conservação e Restauro da Instituição foram contatados. Enviamos a esses ex-alunos do curso algumas perguntas referentes a sua trajetória profissional após a sua formação como restauradores e relativas à importância que a Fundação exerceu e ainda exerce sobre suas carreiras.

No que diz respeito à metodologia, lançamos mão da revisão de literatura e da análise descritiva e qualitativa do levantamento da FAOP e de nossa própria enquete junto a alguns egressos.

Ao final da monografia, procuramos organizar algumas conclusões e questões para novos estudos.

## **1 UM PRESENTE DO PASSADO: A INVENÇÃO DO PATRIMÔNIO E A VALORIZAÇÃO DO FAZER ARTÍSTICO COMO PROJETO NACIONAL A PARTIR DO OLHAR SOBRE A MINAS BARROCA**

Os anos que antecederam a Semana de Arte Moderna de 1922 foram marcados por importantes acontecimentos, entre eles destacam-se: o crescimento das cidades; a Primeira Guerra Mundial; as inovações nos campos da tecnologia, ciência, psicologia e filosofia; e o desenvolvimento da industrialização. Este cenário gerou inquietação em todos os setores da economia<sup>1</sup>. Além disso, a nova geração de escritores, convencida que a forma de expressão literária existente até sua época era ultrapassada, propunha-se a uma reconstrução literária nacional. Assim, uma das primeiras lutas do movimento modernista foi pela implantação de uma “língua brasileira”, que permitisse o uso do verso livre, que não precisasse se preocupar quanto ao uso da métrica e da rima, nem tampouco com o uso de vocabulário e de temáticas específicos. Seria uma língua que permitisse uma maior aproximação da fala brasileira e que expressasse a diversidade de raças e culturas do país<sup>2</sup>.

Para contribuir com o movimento modernista, a Semana de Arte Moderna foi planejada para divulgar as realizações da nova geração de poetas e artistas, e mostrar a ruptura que de fato já tinha acontecido, conectando-a aos modernistas. O evento teria atingido seus objetivos. Por um lado, nomes como o de Oswald de Andrade e o de Mário de Andrade foram projetados como importantes pilares da renovação modernista, servindo como referências para seus contemporâneos. Por outro lado, após a Semana de Arte de 1922, o movimento modernista começa a ter seu foco direcionado às questões relacionadas à identidade nacional<sup>3</sup>.

Naquele sentido, vale destacar, mesmo antes da realização da Semana de Arte, ainda em 1919, Mário de Andrade já havia se aventurado pela antiga Vila Rica em busca de uma identidade nacional. Ele, que buscava encontrar a origem do gênio artístico autenticamente brasileiro, depara-se com obras legítimas e originais, impressionando-se com o trabalho de Aleijadinho. Essa viagem propiciou a Mário a publicação de um estudo intitulado “A arte religiosa no Brasil”, que escolhe os

---

<sup>1</sup> DIAS (2012).

<sup>2</sup> DIAS (2012).

<sup>3</sup> DIAS (2012).

conjuntos arquitetônicos carioca, baiano e, principalmente, o mineiro como representantes legítimos do que seriam os primórdios das manifestações artísticas nacionais, e que acabariam por resultar nos primeiros elementos de uma identidade nacional. Segundo Mário de Andrade nas obras de Aleijadinho, em Minas, de mestre Valentim, no Rio de Janeiro, e dos santeiros Chagas e Domingos Pereira, na Bahia, o que sobressai é um traço que “denuncia um gênio virgem (...), puro e inocente”<sup>4</sup>. E, embora ele cite essas três referências de uma arte tipicamente brasileira, a figura de Aleijadinho se destaca e recebe um importante papel: “o arquiteto escultor”<sup>5</sup>.

Para Mário, uma arte genuína teria se desenvolvido em Minas graças ao isolamento e a distância das cidades mineiras em relação aos centros litorâneos, pois as dificuldades de acesso, impostas pela geografia das Minas, permitiram que germinasse, naquelas terras, a “mais característica arte religiosa do Brasil.”<sup>6</sup>. Além disso, aquele autor acredita que a decadência da atividade mineradora também contribuiu para o distanciamento do Estado de Minas das influências europeias. E, enfim, por não ter sido alvo de forte influência externa, “o barroco mineiro, seria o primeiro estilo artístico da nacionalidade tupiniquim”<sup>7</sup> e, sendo singular, teria conquistado seu espaço entre os estilos que marcaram a história do mundo.

E, ainda no mesmo sentido, também vale destacar, logo após a Semana de Arte Moderna, em 1923, Oswald de Andrade fez uma viagem a Paris, onde conheceu o poeta e romancista franco-suíço *Blaise Cendrars*. O interesse desse poeta pela estética primitivista e seu apreço pelo exotismo chamaram a atenção de Oswald, vindo ao encontro da aceitação e da valorização de elementos populares e tradicionais, considerados, até então, como atrasos de nossa cultura na visão então hegemônica entre intelectuais brasileiros. Sob esse novo olhar houve a valorização do negro, a reivindicação de uma cultura independente através do resgate da cultura indígena e uma nova forma de aceitação dos hábitos e tradições populares<sup>8</sup>.

---

<sup>4</sup> ANDRADE (1993), apud NATAL (2007), p. 194.

<sup>5</sup> “...no Aleijadinho une-se ao gênio do escultor o gênio do arquiteto...”. ANDRADE (1993), p.66, apud NATAL (2007), p.196.

<sup>6</sup> ANDRADE (1993), p. 78, apud NATAL (2007), p. 197.

<sup>7</sup> NATAL (2007), p. 199.

<sup>8</sup> BATISTA (2011).

Nessa direção, com o intuito de enriquecer o movimento modernista, Oswald articula a vinda de *Cendrars* ao Brasil. No ano seguinte, 1924, o poeta e romancista chega a São Paulo, onde se hospeda na casa de Paulo Prado, um dos financiadores da Semana de Arte Moderna. Os modernistas o levam para o Rio de Janeiro para conhecer o carnaval carioca e, na Semana Santa, desembarcam em Minas Gerais para conhecerem suas cidades históricas<sup>9</sup>.

Em Minas Gerais, os modernistas paulistas, que ficaram hospedados no Grande Hotel de Belo Horizonte, são acolhidos por jovens escritores mineiros, sedentos de conhecimento e movidos pela curiosidade a respeito de novas ideias vindas de São Paulo e da Europa. Carlos Drummond de Andrade se destacou naquele grupo e se aproximou de Mário de Andrade, com o qual trocou correspondências até poucos dias antes da morte de Mário, em 1945<sup>10</sup>. A proximidade teria levado o escritor paulista a aconselhar o jovem Drummond e a introduzi-lo ao modernismo, do qual Carlos Drummond já teria algum conhecimento.

Ademais, o interesse de Drummond pelo modernismo e pelas novas tendências literárias remontaria a sua migração de Itabira para Belo Horizonte em 1919. Chegando à capital do Estado, começa a fazer novas amizades. Movido por interesses literários comuns e pela vida boêmia, encontra, entre outros, Emílio Moura, Pedro Nava, Abgar Renault, Martins de Almeida e João Alphonsus. Posteriormente, mais precisamente a partir de 1925, eles não se reuniram mais somente por “simpatia pessoal”, mas, sobretudo, com o intuito de idealizarem o modernismo mineiro<sup>11</sup>.

A viagem para as cidades históricas de Minas Gerais foi motivada pelas inquietações de Mário de Andrade, que já as conhecia<sup>12</sup>. Para ele, o local era uma referência da autenticidade brasileira. O grupo, composto por *Cendrars*, Oswald de Andrade e seu filho Nonê, Tarsila do Amaral, Mário de Andrade, o jornalista René Thiollier (intelectual da elite paulistana) e a fazendeira D. Olívia Guedes Penteado (amiga e incentivadora dos modernistas), acompanhada de seu genro Gofredo da

---

<sup>9</sup> DIAS (2012).

<sup>10</sup> FCRB (s/d).

<sup>11</sup> FCRB (s/d).

<sup>12</sup> HORTA (2014).



Silva Telles, realizou essa viagem com o intuito de descobrir o passado colonial representado pelo barroco mineiro<sup>13</sup>.

A caravana, nomeada por Oswald como “Viagem da descoberta do Brasil”<sup>14</sup>, tinha como objetivo visitar e explorar o passado brasileiro para que fosse possível desvendar as origens da nacionalidade e construir um país moderno. Consistia numa busca, no passado, de aspectos que seriam reinventados no presente, uma vez que o Brasil moderno estaria intimamente relacionado com o passado e, Minas, portanto, era moderna porque era tradicional<sup>15</sup>.

Os modernistas retratam suas visões e experiências dessa viagem através de crônicas, diários, cartas, poemas e pinturas<sup>16</sup>. A título de exemplo, Oswald de Andrade descreve as cidades mineiras privilegiando não apenas sua natureza bucólica, mas também a arquitetura barroca, os ritos da Semana Santa, a arte sacra e a simplicidade das pessoas do interior<sup>17</sup>. Isto pode ser constatado em alguns de seus poemas, que citamos a seguir.

O poema ‘Sábado de Aleluia’ de Oswald descreve a apresentação da malhação de Judas na Praça Severiano de Rezende em São João del Rey:

Sábado de aleluia

Serpentes de fogo procuram morder o céu

E estouram

A praça pública está cheia

E a execução espera o arcebispo

Sair da história colonial

Longe vai tempo soltaram a lua

Como um balão de dentro da serra

---

<sup>13</sup> CORTEZ (2010).

<sup>14</sup> HORTA (2014).

<sup>15</sup> NATAL (2007).

<sup>16</sup> HORTA (2014).

<sup>17</sup> SILVA & GOMES (2017).

Judas balança caído numa árvore  
Do céu doirado e altíssimo

Jardins  
Palmeiras  
Negros

*Oswald de Andrade*<sup>18</sup>

Em outros versos, Oswald retrata a expectativa de visitar a Igreja de São Francisco de Assis em Ouro Preto:

Vamos visitar São Francisco de Assis  
Igreja feita pela gente de Minas  
O sacristão que é vizinho da Maria Cana-Verde  
Abre e mostra o abandono  
Os púlpitos de Aleijadinho  
O teto de Ataíde

*Oswald de Andrade*<sup>19</sup>

E ainda em outros versos sobre São João del Rey:

Convite

São João del Rei  
A fachada do Carmo  
A Igreja Branca de São Francisco  
[...]

Ide a São João del Rei  
De trem  
Como os paulistas foram  
A pé de ferro

*Oswald de Andrade*<sup>20</sup>

---

<sup>18</sup> Apud CORTEZ (2010), p.24.

<sup>19</sup> Apud CORTEZ (2010), p.32.

<sup>20</sup> Apud SILVA & GOMES (2017).

Posteriormente, Mário de Andrade realiza ainda duas viagens para Belo Horizonte em 1939 e 1944, estreitando laços com a nova geração de escritores locais, entre os quais estariam, ainda, Murilo Rubião, Henriqueta Lisboa, Otto Lara Resende e Fernando Sabino. Durante todo o período, os 'mineiros' teriam intermediado cartas trocadas por Mário com todo o Brasil, tornando possível a comunicação com os novos escritores brasileiros a respeito do modernismo e da tradição.

Paralelamente, Mário de Andrade também se empenhou para concretizar a criação do Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), que, com os projetos de recuperação da memória nacional, alterou a forma de enxergar a paisagem colonial brasileira<sup>21</sup>.

Ainda em 1936, Gustavo Capanema, ministro da Educação e Saúde, que tinha Carlos Drummond de Andrade como Chefe de Gabinete, aprovou o projeto de Mário de Andrade, que propôs a criação do SPHAN. Mário, que até então dirigia o Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo, indicou o mineiro Rodrigo Melo Franco de Andrade para a direção do novo órgão, que começa a funcionar em caráter experimental. Já no ano seguinte (1937), o SPHAN passa a funcionar em caráter definitivo e é publicado o Decreto-lei nº 25, que instituiu o tombamento como principal instrumento para organizar as ações de proteção do patrimônio histórico e artístico nacional<sup>22</sup>.

Interessante observar como os caminhos de Mário e Carlos Drummond de Andrade novamente se encontrariam<sup>23</sup>. Drummond, que havia trabalhado como escritor em Belo Horizonte entre 1919 e 1929, conciliaria, a partir do fim dos anos 20, sua atividade literária com uma carreira burocrática nos órgãos públicos de Minas Gerais. Inicialmente na Imprensa Oficial do Estado, onde permaneceu por um ano (1929-1930), foi, em seguida, sucessivamente, nomeado auxiliar de gabinete e oficial de gabinete da Secretaria do Interior de Minas Gerais. Mas, não demoraria a se mudar para o Rio de Janeiro na companhia de sua esposa Dolores Dutra de Moraes e sua filha Maria Julieta. Assim, já em 1934, o ministro da Educação e

---

<sup>21</sup> HORTA (2014).

<sup>22</sup> CHUVA (2012).

<sup>23</sup> Como veremos no próximo capítulo, anos mais tarde, na criação da FAOP, os caminhos daquela geração de intelectuais mineiros irão se cruzar com os de Vinícius de Moraes na criação da FAOP.

Saúde, Gustavo Capanema, havia nomeado seu amigo desde a adolescência, Carlos Drummond de Andrade, como seu chefe de gabinete<sup>24</sup>. No novo cargo, Drummond, de modo privilegiado, acompanhou ativamente o processo de construção (1937-1943) de importante edifício modernista, que a partir da década de 40 seria a sede do MEC<sup>25</sup>. Esta obra (hoje o edifício Gustavo Capanema) era vista como um marco da modernização do Brasil e, como não se tratava de uma obra qualquer, necessitava de uma arquitetura modernista. Como se sabe, participaram da equipe que projetou o edifício, comandada por Lúcio Costa e sob a orientação de Le Corbusier, então jovens arquitetos como Oscar Niemeyer.

A obra do Palácio Capanema não foi uma coincidência. Lúcio Costa foi outro nome importante neste cenário de conexão entre modernismo e restauração no Brasil, tendo atuado no SPHAN de 1937 até a década de 70. Como analisou Guilherme Wisnik (2007), Lucio Costa converteu-se ao modernismo e se tornou o principal intelectual a formular um programa conceitual que conectava a arquitetura moderna internacional e a arquitetura tradicional luso-brasileira. Lúcio Costa não teria dissociado o debate sobre as tendências da arquitetura contemporânea e o problema do restauro de bens históricos, lembrando que as obras arquitetônicas deveriam estar em sintonia com as técnicas e as tecnologias do seu próprio tempo<sup>26</sup>.

Já no SPHAN, dividido entre área central e uma seção técnica, Rodrigo Melo Franco de Andrade e Lúcio Costa teriam trabalhado em estreita relação. O jovem arquiteto, por indicação de Melo Franco de Andrade, dirigia, desde 1930, a Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro, onde já havia aberto espaço para um grupo de arquitetos modernistas ainda mais jovens, entre os quais Niemeyer, e onde buscou uma aproximação com nomes como Le Corbusier<sup>27</sup>.

Nas primeiras décadas do século XX, no Brasil, não existiam técnicas apuradas na área de restauração e nem oficinas apropriadas para este tipo de serviço. Assim, os arquitetos do SPHAN obtinham algum conhecimento europeu na área advindo da Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro e dos Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna (CIAM), como o de 1933, dos quais Lúcio

---

<sup>24</sup> FCRB (s/d).

<sup>25</sup> FCRB (s/d).

<sup>26</sup> CHUVA (2012).

<sup>27</sup> CHUVA (2003).

Costa participou<sup>28</sup>. Naqueles eventos internacionais, em 1931, foi elaborada a Carta de Atenas (apelidada Carta de Restauro) que visava “a salvaguarda das obras primas nas quais a civilização se tenha expressado em seu nível mais alto e que se apresentem ameaçadas”<sup>29</sup>. Uma das recomendações da Carta era de que houvesse a mínima intervenção no monumento durante as obras de restauração, além de reversibilidade e das intervenções, que deveriam poder ser identificadas. Assim, deveria haver uma documentação precisa a respeito do acompanhamento do processo de restauro, destacando as condições da obra antes, durante e depois da intervenção, além de conter as justificativas para as ações executadas<sup>30</sup>.

O SPHAN baseava-se quase sempre na já citada Carta de Atenas, mas nos casos em que havia ausência de critérios ou princípios de ação claramente estabelecidos nela, o órgão atuava fortemente baseado nas convicções e conceitos de Lúcio Costa (mesmo depois da sua aposentadoria)<sup>31</sup>.

Neste sentido a conservação deveria ser prioritária à restauração, quando, até então, na gestão do patrimônio histórico, predominava a restauração, em detrimento da conservação<sup>32</sup>. A restauração do patrimônio tombado tinha como finalidade a recuperação simbólica e física das origens da nação, promovendo, assim, uma reconstituição de um patrimônio autêntico. O grupo de arquitetos que se identificava com o movimento modernista, defendia que o ingresso do Brasil no mundo civilizado dependia de um laço com o passado e o tradicional<sup>33</sup>. Como já mencionamos anteriormente, a invenção de um país, de uma nação, passava pela invenção da tradição.

Do ponto de vista técnico, a observação visual do monumento era o principal método para a restauração, tornando possível a identificação das características originais dos imóveis. Com a análise física era possível identificar os materiais utilizados e os processos aos quais os imóveis já haviam sido submetidos. Mas, ao contrário do que muitos acreditam, a obra sozinha não é capaz de dizer qual o

---

<sup>28</sup> CHUVA (2012).

<sup>29</sup> IPHAN (s/d).

<sup>30</sup> CUNHA (2010).

<sup>31</sup> CUNHA (2010).

<sup>32</sup> CHUVA (2012).

<sup>33</sup> CHUVA (2012).

método mais adequado a se seguir para um melhor resultado na sua conservação. Cabe ao autor do projeto decidir qual caminho trilhar e quando maior for seu conhecimento a respeito da obra em sua materialidade e historicidade, mais adequadas serão suas escolhas. Vale ressaltar que no campo da restauração não há soluções únicas para um determinado projeto, e, por isso, a forma de resolvê-lo será decidida pela equipe de restauradores responsável por tal serviço<sup>34</sup>.

A fotografia também teve papel importante, pois era através dela que os arquitetos do Rio de Janeiro conseguiam acompanhar a avaliar o projeto concluído. Como se tratava de trabalho profissional, vários fotógrafos prestaram serviço para o SPHAN<sup>35</sup>.

As condições de deslocamento na década de 30 e 40 eram bem precárias – uma viagem entre Ouro Preto e Belo Horizonte poderia durar cerca de sete horas<sup>36</sup>. Ainda assim, as viagens aos sítios históricos também tiveram papel relevante para as atividades de conservação e restauro, seja no que diz respeito à avaliação (e escolha) das técnicas empregadas, seja no que diz respeito à fiscalização dos trabalhos nos bens tombados. Ainda assim, Ouro Preto teve destaque neste aspecto, pois, tinha uma infraestrutura superior à das demais cidades do interior que recebiam visitas do SPHAN. Também contribuíram para os trabalhos na terra dos Inconfidentes, o reconhecimento prévio que a cidade recebeu como cidade Monumento Nacional em 1933, o que possibilitou, a partir de 1934, restaurações na cidade graças a investimentos públicos. Juntamente com isso, a população ouro-pretana dava suporte aos técnicos do SPHAN e dava conta do andamento das obras na cidade. Assim, podemos dizer que redes começavam a ser tecidas em prol da proteção ao patrimônio histórico e artístico nacional.

Outro fator importante das restaurações é que elas desempenharam papel econômico relevante na articulação de diversos grupos regionais de trabalhadores e artesãos locais, visto que, como esses dispunham de conhecimento sobre o manuseio de materiais antigos e de técnicas antigas de construção, prestavam seus serviços às obras de restauração em troca de remunerações periódicas. De certa

---

<sup>34</sup> CUNHA (2010).

<sup>35</sup> CHUVA (2012).

<sup>36</sup> AGUIAR; FERREIRA; FURTADO (2000).

forma, reinventavam-se, também, ofícios muitas vezes perdidos, num processo que até hoje ocorre<sup>37</sup>.

No entanto, todos aqueles esforços não teriam sido suficientes para um bom resultado nas obras de restauro levados a cabo pelo SPHAN. Um dos principais contratempos enfrentados foram os materiais que já não eram mais fabricados. Como solução, em alguns casos, teria sido empregado o concreto armado (uma inovação bem posterior), que foi o marco tecnológico da arquitetura moderna ao permitir grande salto qualitativo em termos construtivos. Esse critério teria se adequado às determinações da Carta de Atenas, no que se referia aos materiais de restauração, que aprovava o emprego adequado de todos os recursos da técnica moderna e, especialmente, do concreto armado<sup>38</sup>. Ademais, princípios estéticos orientaram a escolha dos bens a serem tombados, assim como a escolha da técnica a ser empregada quando eles fossem restaurados.

Durante as décadas de trabalho do SPHAN, posteriormente denominado IPHAN (ver box abaixo – ‘De SPHAN à IPHAN’), foi crescendo também a preocupação com o restauro de bens móveis a ponto de, no início da década de 70, ter sido perceptível a grande necessidade de se formar profissionais na área de conservação e restauração de obras de arte. Foi naquele contexto que, em 1971, Jair Afonso Inácio, criou o curso de Restauração de Obras de Arte, que veio a se juntar à FAOP<sup>39</sup>. Esse curso é considerado um dos mais tradicionais do Brasil, sendo a primeira escola de formação profissional regular de restauradores no país<sup>40</sup>. Como veremos posteriormente, atualmente, o curso oferece ao futuro profissional a base teórica e a qualificação necessária para intervenções de restauro conscientes e adequadas em acervos de papel, escultura policromada e pintura de cavalete<sup>41</sup>.

No próximo capítulo será abordada a origem dos cursos de restauro de bens móveis no Brasil, situando, neste contexto, a origem da FAOP e de seu curso de restauro.

---

<sup>37</sup> CHUVA (2012). Mais adiante neste trabalho, nos anexos do segundo capítulo, comentaremos o ‘Projeto Cantaria’ desenvolvido por um grupo de professores e pesquisadores da UFOP sob a coordenação do Prof. Carlos Alberto Pereira (RODRIGUES et alli, 2004).

<sup>38</sup> IPHAN (s/d).

<sup>39</sup> NÓBREGA (1997).

<sup>40</sup> FAOP. (s/d).

<sup>41</sup> FAOP. (s/d).

### “De SPHAN à IPHAN”

O Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) foi criado em 1937. Alguns anos depois, mais precisamente em 1946, ocorreu uma mudança em seu nome e passou a se chamar Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (DPHAN). Até 1953 a Diretoria estava subordinada ao Ministério da Educação e Saúde (MES). Posteriormente houve a criação do Ministério da Saúde, e o MES se transforma em MEC (Ministério da Educação e Cultura).

Nos anos de 1960 houve uma reforma administrativa que gerou a reorganização de ministérios. Já em 1970, a Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (DPHAN) foi transformada em Instituto (IPHAN), passando a se vincular ao Departamento de Assuntos Culturais (DAC), que era um órgão superior, ao qual as instituições culturais alocadas no MEC eram vinculadas. Mesmo com esta mudança, somente em 1976 a Instituição teve seu novo regimento interno publicado, que tornou a sua organização mais complexa.

Em 1979 houve uma fusão entre o IPHAN, o Programa de Cidades Históricas (PCH) e o Centro Nacional de Referência Cultural (CNRC), além da criação da Fundação Nacional Pró-Memória. Estes fatores contribuíram para que o Instituto fosse transformado em Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), tornando-se um órgão superior do MEC.

No início da década de 90 ocorreu a dissolução do Ministério da Cultura e de fundações culturais, como a Pró-Memória e a Funarte. Neste contexto, a Secretaria foi transformada em Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural (IBPC). Houve diversas manifestações contrárias à adoção do novo nome e, em 1994, por meio de medida provisória, a Instituição volta a ser denominada de IPHAN, nome que mantém até os dias atuais.

Fontes:

<http://portal.iphan.gov.br/dicionarioPatrimonioCultural/detalhes/55/instituto-do-patrimonio-historico-e-artistico-nacional-iphan-1970-1979-e-1994>

<http://portal.iphan.gov.br/dicionarioPatrimonioCultural/detalhes/52/diretoria-do-patrimonio-historico-e-artistico-nacional-dphan-1946-1970>



## **2 A ORIGEM E A EVOLUÇÃO DO CURSO EM RESTAURO DA FAOP**

Neste capítulo, inicialmente, resgataremos um pouco da história sobre as origens da Fundação de Arte de Ouro Preto, tema que já foi tratado com detalhes por PINTO (2018). Em seguida, falaremos sobre as origens e a evolução do Curso em Conservação e Restauro da Fundação, destacando o papel que aí teve Jair Afonso Inácio. Finalmente, procuraremos situar a formação oferecida pela FAOP no âmbito dos cursos de restauração e conservação de bens móveis no Brasil.

Ao final, acrescentamos dois anexos. O primeiro anexo descreve o Projeto Cantaria da UFOP, que, há vários anos, procura resgatar um ofício central (Mestre Canteiro) para a conservação de bens culturais imóveis em Ouro Preto e região. O projeto, de certa forma, dá continuidade a um esforço que remonta à restauração da Casa dos Contos de Ouro Preto e ao mesmo período de criação e vida da FAOP, e de seu curso em restauro. O segundo anexo enumera dispositivos legais e programas de fomento relacionados à preservação do patrimônio histórico no Brasil.

### **2.1 As origens da FAOP**

No Brasil, as décadas de 60 e 70 ficaram marcadas por mudanças. Em março de 1964, quando os militares golpearam de uma vez só a democracia brasileira, começou então a Ditadura Militar que tinha como principais características a cassação de direitos políticos de opositores, a repressão aos movimentos sociais e às manifestações de oposição, e a censura aos meios de comunicação e aos artistas. Nos primeiros anos da Ditadura, os movimentos de vanguarda conquistam mais espaço e a insatisfação social e política começa a ser expressa através das artes plásticas, da poesia e da música - a arte se torna uma forma de resistência e protesto.

Diante das manifestações estudantis contra à Ditadura, o governo decretou o Ato Institucional N<sup>o</sup>.5 (AI-5) em dezembro de 1968 e desencadeou violenta repressão. O Governo civil-militar estava determinado a eliminar por completo qualquer

consequência ou herança da prática cultural que antecedeu a instituição do AI-5. Podemos constatar isto em suas ações, que tinham a censura como principal método. Reprimiu todo tipo de obra ou criou empecilhos para a sua circulação e distribuição; afrontou a produção cultural universitária, o que, por consequência, afetou gravemente a sua qualidade e seu destino; perseguiu alguns produtores culturais; demitiu professores e a imprensa sofreu com censura diária, vendo-se compelida a resistir à proibição de denunciar e informar tal ato de violência<sup>42</sup>.

No âmbito ouro-pretano, em 1960, foi criado um Núcleo da Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade (TFP), que tinha como intuito combater qualquer suposta suspeita de socialismo na cidade. A partir disto, era comum ser acusado de comunista ou delinquente e ser punido por tal fato<sup>43</sup>. Houve diversas invasões domiciliares, especialmente em repúblicas estudantis, que visavam a busca de material chamado de subversivo e de supostos comunistas. Muitos foram presos e levados ao Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), enquanto outros conseguiram fugir. Quando as perseguições se iniciaram, o foco principal recaiu sobre políticos, professores, trabalhadores e estudantes, que já eram conhecidos na cidade por seu posicionamento forte em busca de transformações<sup>44</sup>.

Também naquele período, artistas e professores ligados à Escola de Belas Artes da UFMG e à Fundação de Educação Artística de Belo Horizonte tinham planos de promover cursos de formação artística durante o período de férias escolares para os estudantes e viam Ouro Preto como um lugar propício para sua realização. Assim, nascia o Festival de Inverno, que teve sua primeira edição em 1967, acontece até os dias de hoje no mês de

---

<sup>42</sup> FRANCO (1994/1995).

<sup>43</sup> PINTO (2018).

<sup>44</sup> SILVEIRA; MAIA; PEREIRA; SILVA (2017) apud PINTO (2018):26.

julho e pode ser considerado como integrante do quadro da resistência cultural<sup>45</sup>.

O Festival de Inverno constituía-se como um espaço de liberdade, de experimentalismo estético e didático. Num período que a experiência histórica é marcada pela metáfora do sufoco, o Festival de Inverno foi, para alguns, um local no qual se podia respirar, ao menos por um mês<sup>46</sup>.

Em paralelo à programação oficial do evento, havia a que foi denominada de “festival do inferno” pelos moradores locais, onde a juventude, que vivia a contracultura e o desbunde, apropriava-se de espaços da cidade. Fato que contrariava os costumes e valores tradicionais que boa parte dos ouro-pretanos e os órgãos de repressão do Estado defendiam. Logo, a boemia e o consumo de drogas começaram a ser reprimidos na cidade<sup>47</sup>. Durante a realização do Festival, a Polícia Militar juntamente com o DOPS e as delegacias de Vadiagem, Furtos e Ordem Econômica formavam um aparato de segurança em Ouro Preto. Seus principais alvos eram o suposto uso de tóxicos e o “comportamento indesejado dos hippies”, para se “evitar atentados aos costumes, evitando escândalos e invasões”<sup>48</sup>. O consumo de drogas, a liberdade sexual e a subversão de costumes, no discurso paranoico dos órgãos de repressão, censura e de informação, eram considerados como armas comunistas para desestruturar a família tradicional e a sociedade, além de enfraquecer a juventude. Isto era visto como facilitador para que os supostos soviéticos tomassem o poder, por tanto, deveria ser combatido<sup>49</sup>.

---

<sup>45</sup>SILVEIRA, MAIA, PEREIRA e SILVA (2017), p.235

<sup>46</sup> KAMINSKI (2012), p.333-334

<sup>47</sup> KAMINSKI (2012).

<sup>48</sup> SILVEIRA, MAIA, PEREIRA e SILVA (2017), p.240

<sup>49</sup> KAMINSKI (2012).

Neste contexto, Vinícius de Moraes, fugindo da repressão do Governo Costa e Silva, hospeda-se em Ouro Preto na casa do médico e empresário Eloy Heraldo Lima, que partilhava com Vinícius a amizade de vários intelectuais radicados no Rio de Janeiro (Hélio Pelegrino, Paulo Mendes Campos, Fernando Sabino, Otto Lara Rezende e o médico Ivo Pitanguy)<sup>50</sup>. O poeta foi incumbido pelo então governador de Minas Gerais, Israel Pinheiro, de realizar um projeto na cidade de Ouro Preto com o propósito de conservar e valorizar a cidade. Associa-se, então, à atriz Domitila do Amaral, fazem um projeto para a criação de uma fundação de arte na cidade e a dupla designa Murilo Rubião para missão de estruturá-lo. Com o auxílio de Rui Mourão e do historiador Affonso Ávila, foram formulados os estatutos e o projeto de lei nº 5038 de 25 de novembro de 1968 (substituído posteriormente pelo Decreto nº 11656 de 11 de fevereiro de 1969). Assim, nascia a Fundação de Arte de Ouro Preto<sup>51</sup>.

Logo no ano seguinte à sua fundação, a ‘Escolinha de Arte’ criada por Nello Nuno e Annamélia Lopes<sup>52</sup> passa a integrar a Instituição, trazendo consigo vários cursos de arte e passando a ser chamada de Escola de Arte Rodrigo Melo Franco de Andrade – EARMFA<sup>53</sup>. Somando-se à EARMFA<sup>54</sup>, o restaurador Jair Afonso Inácio funda no início da década de 70 o curso de “Restauração de Obras de Arte” da FAOP, destinado à formação de Conservadores e Restauradores no Brasil, até hoje considerada a primeira experiência estruturada de forma regular para a formação de profissionais da área no país<sup>55</sup>.

---

<sup>50</sup> PINTO (2018), HYGINO (2012), PENIDO (s/d) e depoimento do Prof. Luiz Antônio de Matos Macedo em 2018.

<sup>51</sup> FAOP (s/d).

<sup>52</sup> Nome de batismo: Anna Amélia Lopes.

<sup>53</sup> Depoimento de Gabriela Rangel na defesa de TCC de Raquel Pinto, Mariana 18/12/2018.

<sup>54</sup> Como veremos na próxima seção.

<sup>55</sup> FAOP (s/d).

### **A ESCOLA DE ARTE RODRIGO MELO FRANCO DE ANDRADE**

A EARMFA foi integrada à FAOP um ano após a criação da Fundação. Ela é formada pelo Núcleo de Arte e Ofícios\* e pelo Núcleo de Conservação e Restauração. A Escola defende a arte como conhecimento e preza pela vivência da cultura e suas práticas educativas, além de valorizar os saberes de forma global e inclusiva. O respeito à identidade cultural do indivíduo é a forma através da qual ela mantém sua essência, o que pode ser constatado pelos anos de trabalho realizado visando fortalecer a arte no âmbito da linguagem, cultura e diversidade; além da contínua reflexão sobre suas práticas pedagógicas.

A Escola tem como proposta unir educação e cultura para proporcionar uma formação ampla, inclusiva e humanística aos seus alunos, promovendo, assim, uma efetiva integração da Fundação com a comunidade. O desenvolvimento humano é sua base, incentivando potencialidades individuais e coletivas a fim de desenvolver a autonomia e a criatividade de seus alunos.

Fonte: FAOP (elaboração própria).

\*Núcleo de Arte e Ofícios – alteração no Estatuto da FAOP – Decreto N° 47.922, de 23 de abril de 2020

## **2.2 As origens e a evolução do Curso em Conservação e Restauro da FAOP**

Pode-se dizer que a Fundação de Arte de Ouro Preto se enquadra em um novo cenário educacional, em que o conhecimento é o mecanismo-chave para o desenvolvimento, usualmente chamado de capital intelectual.

Segundo observações que fizemos junto a própria FAOP, pode-se dizer que a Fundação de Arte de Ouro Preto também é marcada pelo laço social, uma vez que estreita as relações entre a arte e o espírito ouro-pretano. Ela produz e preserva manifestações de genialidade de seu povo, as quais servem de referência para novas propostas de trabalho, sem perder sua marca criadora, sua identidade e sua

visão crítica da sociedade. Desde seus primórdios, tem papel extremamente importante na construção de uma rede de relações entre artesãos, artistas, intelectuais e população local; operando como um polo agregador e difusor do fazer artístico, além de contribuir para a formação de um mercado de trabalho local e regional na música, nas artes plásticas, no restauro de bens culturais e nos ofícios artesanais<sup>56</sup>.

Ademais, o caso da FAOP não é estranho ao conceito de uma comunidade de prática (CdP)<sup>57</sup> e podemos dizer que está associado ao modo como a Fundação foi sendo construída a partir dos anos 60. Como vimos, nesta época, no ambiente do Festival de Inverno de Ouro Preto, um grupo de artistas formado por Jair Inácio, Amílcar de Castro, Annamélia Lopes, Nello Nuno e alguns outros se uniu com o intuito de proporcionar uma experiência nova a seus discentes, ensinando-lhes seus conhecimentos de forma livre. Neste sentido, como veremos, um exemplo da CdP é o curso de restauro, estruturado, inicialmente, a partir de uma relação mestre-aprendiz, muito voltado para o mercado de trabalho e que proporciona a construção de laços entre seus alunos e ex-alunos, como pretendemos explorar no terceiro capítulo<sup>58</sup>.

### 2.2.1 As origens do Curso em Restauro da FAOP

Como já mencionado, no início dos anos 1970, Nello Nuno e sua esposa Annamélia Lopes idealizam a criação de um curso de artes que deu origem à EARMFA (Escola de Arte Rodrigo Melo Franco de Andrade). Ao terem conhecimento de que a recém-criada Fundação de Arte de Ouro Preto tinha a posse de um

---

<sup>56</sup> Este parágrafo apoia-se nas informações disponíveis no site da FAOP e nos depoimentos de Júlia Mitraud, Sandra Fosque e Gabriela Lopes de Moura Rangel – visita à FAOP em 2018.

<sup>57</sup> Pinto (2018) cita ARGYRIS. C. (1980). **Inner contradictions of rigorous research**. New York; Academic Press. Aquele autor caracterizaria uma CdP como uma “comunidade justa”, que se baseia na democracia, na responsabilidade dos membros pelo bem-estar de todos, na promoção de um ambiente confiável onde profissionais de atividades comuns, dialogam e põe em prática seus conhecimentos de forma madura

<sup>58</sup> PINTO (2018). Remetemos o leitor a este trabalho, que reúne informações biográficas essenciais sobre a vida e a trajetória de Jair Afonso Inácio, Nello Nuno e Annamélia Lopes.

casarão abandonado que estava em reforma, procuraram o então presidente da Fundação, Murilo Rubião, e foram acolhidos, dando fôlego ao projeto da escola de artes. Annamélia lecionava aulas de gravura e desenho, Nello Nuno dava aulas de pintura, Jair Afonso Inácio de restauração e Orlandino Seitas Fernandes, então Diretor do Museu da Inconfidência<sup>59</sup>, de história da arte. A princípio, os artistas não tinham ao seu dispor um local adequado para que pudessem colocar em prática suas aulas. O espaço foi cedido aos artistas até que as obras dele fossem concluídas. No entanto, dada a grande visibilidade da escola de arte, esta passaria a integrar oficialmente à FAOP<sup>60</sup>.

Dando continuidade às iniciativas relacionadas ao curso de artes, a FAOP foi precursora na implantação de um curso de formação de restauradores de bens culturais móveis no Brasil. O Curso Técnico em Conservação e Restauo da FAOP teve início na década de 70 com o restaurador Jair Afonso Inácio. Posteriormente, foi reconhecido pelo Ministério da Educação e considerado a primeira experiência na formação de profissionais de forma regular no Brasil, tornando-se referência internacional no processo de restauração de bens culturais móveis nas áreas de pintura de cavalete e de papel, e de escultura policromada. O curso tem papel de destaque na preservação dos acervos comunitários (recebe peças como material didático com mínimos custos para as comunidades guardiãs) e mantém equipe técnica que realiza consultorias, diagnósticos e projetos de conservação e restauração de bens móveis, além da prestação de serviços<sup>61</sup>. Adicionalmente, promove ações educativas junto às comunidades atendidas, dando orientações para a conservação de bens

---

<sup>59</sup> CEIB (1999).

<sup>60</sup> PINTO (2018).

<sup>61</sup> Em dezembro de 2019, a FAOP inaugurou o LABCOR – Laboratório de Conservação e Restauo Jair Afonso Inácio, que presta serviços no campo da restauração de bens integrados, móveis e imóveis, além de laudos técnicos e diagnósticos, ampliando equipe, estrutura e as possibilidades da prestação de serviços

patrimoniais<sup>62</sup>. Com isso, o papel da FAOP em criar laços com a população local é alcançado. Ela não oferece apenas cursos, mas também oferece a oportunidade à comunidade de acesso às artes, através da profissionalização e interação com a população, tornando-se assim uma entidade de transformação social. Segundo a professora Gabriela Rangel, Diretora da EARMFA, a FAOP seria também uma incubadora ao acolher e dar oportunidades de iniciar a atuação profissional a restauradores, pintores, escultores e músicos, que, posteriormente, aprofundam e consolidam, em outros lugares e instituições, a continuidade de sua formação, seu fazer artístico e sua inserção profissional<sup>63</sup>. Retomaremos esta questão no terceiro capítulo

Mais precisamente, o curso foi fundado em 1971 pelo restaurador Jair Afonso Inácio intitulado como “Restauração de Obras de Arte”<sup>64</sup>.

A aula inaugural do curso ocorreu no ano de 1971 na Casa da Ópera de Ouro Preto e, em seguida, os alunos, acompanhados do professor Jair Inácio, realizaram passeios por Ouro Preto e outras cidades do ciclo do ouro. Márcia Valadares, ex-aluna de Jair Inácio, relembra:

...“a gente achava maravilhoso; Jair contando as histórias e aqueles passeios pelas igrejas, pelas ruas de Ouro Preto<sup>65</sup>.”

Já no ano seguinte as aulas foram transferidas para o então Museu de Ouro Preto, atual Museu da Inconfidência, onde os discentes restauravam as peças. Como já mencionado, o museu era dirigido por Orlandino Seitas Fernandes, que era um amante e grande especialista do barroco assim como Jair Inácio. No entanto, um ano mais tarde, precisamente em 06/09/1973, ele foi

---

<sup>62</sup> FAOP (s/d).

<sup>63</sup> Entrevista 1 (2018).

<sup>64</sup> NÓBREGA (1997).

<sup>65</sup> Citado por NÓBREGA (1997), p. 62.



detido irregularmente pela Polícia Federal e teria sido submetido a interrogatório com violência a fim de confessar o roubo de 16 peças em ouro e prata de grande importância histórica da Igreja do Pilar de Ouro Preto, que ocorreu em 02/09/1973 e foi objeto de uma investigação policial rocambolesca. À mesma época, Orlandino Seitas teria sido transferido para outro posto do IPHAN na Bahia e o Museu, do qual foi diretor entre 1959 e 1973, teria permanecido fechado, motivando a transferência das aulas do curso para o prédio da FAOP situado à Rua Getúlio Vargas, 185. Como vimos, já eram realizadas, em instalações da FAOP, as atividades dos cursos de artes ('Escolinha de Arte') coordenadas por Nello Nuno e Annamélia Lopes<sup>66</sup>.

### **2.2.2 A evolução do Curso em Conservação e Restauro da FAOP**

O Curso de Restauração de Obras de Arte não tinha tempo determinado de duração e o discente recebia seu diploma quando era considerado "pronto" pelo professor. Jair fala sobre o tempo para se formar um bom restaurador:

..."é indeterminado; é preciso grande amor ao trabalho, habilidade manual e muito estudo; desenvolvimento técnico e, sobretudo, sensibilidade; saber a hora certa em que um trabalho de restauração deve parar, a fim de que a obra de arte permaneça respeitada; não interferir na personalidade do autor, expressa na obra<sup>67</sup>."

José Efigênio, outro ex-aluno de Jair Inácio, complementa:

"Primeira turma que ganhou diploma não quer dizer primeira turma que entrou no curso<sup>68</sup>".

Aquele formato inicial permaneceu ativo durante a primeira década do curso e se baseava em aulas práticas e teóricas.

---

<sup>66</sup> NÓBREGA (1997); Jornal Opinião (1973).

<sup>67</sup> Citado por NÓBREGA (1997), p. 66.

<sup>68</sup> Citado por NÓBREGA (1997), p. 67.

Ainda em 1973, um acontecimento veio contribuir para a consolidação do Curso. Naquele ano, foi assinado um plano de cooperação entre o Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (IEPHA-MG), o Ministério da Educação e Cultura e as Prefeituras de Ouro Preto e Mariana, que se intitulava como “Plano de Desenvolvimento Integrado das Cidades de Ouro Preto e Mariana”. Ele consistia em três etapas: a princípio seriam levantados dados de projetos específicos de água, luz, esgoto, telefone e estradas; posteriormente colocariam em prática o ‘Plano de Restauração e Valorização’ das duas cidades, em que os principais monumentos e projetos paisagísticos passariam por um estudo de restauração; e por último haveria criação de novas áreas de desenvolvimento urbano, como o bairro ouro-pretano de Saramenha, que procurariam reduzir os impactos da pressão demográfica sobre os núcleos tombados das duas cidades. Como Jair Afonso Inácio foi incumbido de participar do projeto de levantamento de monumentos de Ouro Preto, seus alunos do curso em Conservação e Restauo tiveram a oportunidade de estagiar e ficaram sob supervisão do Prof. Ivo Porto Menezes da UFMG<sup>69</sup>.

Além disto, em 1974 foi firmada uma parceria entre a Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais e a FAOP. Aos sábados, um carro fretado pela UFMG levava os alunos até Ouro Preto para que estes pudessem frequentar o curso de Restauração<sup>70</sup>.

Com o passar dos anos, mais precisamente a partir de 1981, com a morte do mestre Jair Inácio, a estrutura curricular do curso de restauro sofreu uma reformulação e passou a ser organizada em disciplinas, que, recortando e separando os conteúdos da formação, capacitavam os profissionais a analisar,

---

<sup>69</sup> NÓBREGA (1997).

<sup>70</sup> NÓBREGA (1997).

diagnosticar e intervir em esculturas policromadas, pinturas de cavalete e papéis.<sup>71</sup>

Posteriormente, na década de 90, deu-se início ao processo de reconhecimento do Curso Técnico em Conservação e Restauração, o qual significou importante avanço para a valorização da profissão. Em 2002, o curso foi reconhecido nacionalmente pelo Ministério da Educação (MEC) e aprovado pelo Conselho Estadual de Educação de Minas Gerais (CEE)<sup>72</sup>. Após a conclusão do curso, o profissional recebe um diploma de Técnico Nível Médio.

Um dos efeitos da reformulação do Curso foi a ampliação do mercado de trabalho. Os formandos podem atuar em ateliês, mas também em órgãos de preservação (o diploma engloba qualquer atividade relacionada à recuperação e preservação do patrimônio cultural). E, fazendo justiça à concepção inicial do curso, o processo de aprendizagem possibilita aliar os conceitos teóricos com a prática.

Atualmente o curso é ministrado na Casa Bernardo Guimarães, bairro Cabeças – Ouro Preto. Ele tem como finalidade capacitar profissionais com uma postura ética e crítica na área de conservação e restauro de bens culturais. Como citado, os acervos comunitários são beneficiados pelo curso, uma vez que este recebe com custos mínimos as peças como material didático.<sup>73</sup>

O curso, atualmente, compreende 5 módulos semestrais (a integralização curricular totaliza 1558 horas e 20 min), incluindo o estágio curricular, e é destinado a todos que têm interesse na área e que já concluíram ou estão cursando o Ensino Médio a partir do 2º ano. O ingresso é por meio de processo seletivo e

---

<sup>71</sup> SECRETARIA DA CULTURA (2015).

<sup>72</sup> FAOP (s/d).

<sup>73</sup> FAOP (s/d).

novas turmas são abertas semestralmente. Os dois primeiros semestres possuem carga horária teórica intensa e englobam a formação conceitual. A princípio, os alunos se deparam com situações simuladas e, posteriormente, têm contato com acervos reais comunitários<sup>74</sup>.

Quadro 1 – primeiro módulo do Curso Técnico em Conservação e Restauro da FAOP

<b>COMPONENTE CURRICULAR – 1º MÓDULO</b>	<b>CH</b>
Princípios teóricos da Conservação e Restauração e Ética Profissional	36h e 40min
Segurança do Trabalho na Conservação e Restauração	25h e 40min
Química Aplicada à Conservação e Restauração	62h e 20min
História da Arte	62h e 20min
Relatórios e Informática Aplicada	18h e 20 min
Conservação e Restauração de Escultura Policromada I	36h e 40 min
Conservação e Restauração de Pintura de Cavalete I	36h e 40 min
Conservação e Restauração de Papel I	36h e 40min
<b>CARGA HORÁRIA DO MÓDULO</b>	<b>315h e 20min</b>

Fonte: <http://www.faop.mg.gov.br/nuc-conservacao.php>

<sup>74</sup> FAOP (s/d).

Quadro 2 – segundo módulo do Curso Técnico em Conservação e Restauro da FAOP

<b>COMPONENTE CURRICULAR – 2º MÓDULO</b>	<b>CH</b>
Ciência da Conservação Preventiva	33h
Teoria da Cor	33h
Documentação Fotográfica	29h e 20min
Noções Básicas de Desenho	36h e 40min
Conservação e Restauração de Escultura Policromada II	62h e 20 min
Conservação e Restauração de Pintura de Cavalete II	62h e 20 min
Conservação e Restauração de Papel II	62h e 20 min
<b>CARGA HORÁRIA DO MÓDULO</b>	<b>319h</b>

Fonte: <http://www.faop.mg.gov.br/nuc-conservacao.php>

Quadro 3 – terceiro módulo do Curso Técnico em Conservação e Restauro da FAOP

<b>COMPONENTE CURRICULAR – 3º MÓDULO</b>	<b>CH</b>
Iconografia Cristã	36h e 40min
Agentes Biológicos de Degradação e Tratamento de Suportes	44h
Reintegração Cromática	62h e 20min
Conservação e Restauração de Escultura Policromada III	58h e 40min
Conservação e Restauração de Pintura de Cavalete III	58h e 40min
Conservação e Restauração de Papel III	58h e 40min
<b>CARGA HORÁRIA DO MÓDULO</b>	<b>319h</b>

Fonte: <http://www.faop.mg.gov.br/nuc-conservacao.php>

Quadro 4 – quarto módulo do Curso Técnico em Conservação e Restauro da FAOP

<b>COMPONENTE CURRICULAR – 4º MÓDULO</b>	<b>CH</b>
Arte no Brasil: ênfase no Barroco e Rococó	36h e 40min
Arquitetura no Brasil	33h
Noções Básicas de Moldagem e Estuque Ornamental	29h e 20min
Conservação e Restauração de Escultura Policromada IV	77h
Conservação e Restauração de Pintura de Cavalete IV	77h
Conservação e Restauração de Papel IV	77h
<b>CARGA HORÁRIA DO MÓDULO</b>	<b>330h</b>

Fonte: <http://www.faop.mg.gov.br/nuc-conservacao.php>

Quadro 5 – quinto módulo do Curso Técnico em Conservação e Restauro da FAOP

<b>COMPONENTE CURRICULAR – 5º MÓDULO</b>	<b>CH</b>
Noções Básicas de Projetos e Empreendedorismo	25h e 40min
Noções Básicas de Conservação de Arte Contemporânea	18h e 20min
Conservação e Restauração de Escultura Policromada V	77h
Conservação e Restauração de Pintura de Cavalete V	77h
Conservação e Restauração de Papel V	77h
<b>CARGA HORÁRIA DO MÓDULO</b>	<b>275h</b>

Fonte: <http://www.faop.mg.gov.br/nuc-conservacao.php>

A restauração de acervos comunitários está inserida nas práticas de ateliê e integra a grade curricular do estágio. O discente tem que realizar estágio nas três áreas de atuação: pintura de cavalete, escultura policromada e papel, apresentando

relatório do mesmo para concluir o curso. Todo o processo é orientado pelos professores com apoio da equipe Técnica em Conservação e Restauro. Este método de ensino traz benefícios não somente para o aluno, mas também para as comunidades guardiãs dos acervos. Assim, possibilita a formação de um profissional seguro para atuar no mercado de trabalho e garante o devido tratamento aos acervos<sup>75</sup>.

Uma comissão de acervos reunindo coordenação técnica, professores e técnicos restauradores foi criada com o intuito de analisar e debater as propostas e intervenções executadas nas obras com um duplo propósito. Por um lado, facilita-se a tomada de decisão e unificam-se os critérios de conservação a serem adotados em cada projeto. Por outro lado, reuniões mensais possibilitam a troca de conhecimentos entre os profissionais e dão oportunidade para que haja um compartilhamento de experiências<sup>76</sup>.

Ao longo de sua história, a FAOP vem somando feitos no campo da conservação e restauro do patrimônio e da arte em diversos lugares, além de estruturar seus métodos e processos usufruídos por todos os setores da Fundação, firmando e legitimando sua habilidade de formação, educação e transformação social. Delineando uma relação de confiança com as comunidades com as quais trabalha e parceiros institucionais, a FAOP atua em diversas realidades e âmbitos (municipal, estadual, federal e até mesmo internacional)<sup>77</sup>.

### **2.3 As características dos cursos de restauro no país, breve comparação com o curso da FAOP**

---

<sup>75</sup> FAOP (s/d).

<sup>76</sup> FAOP (s/d).

<sup>77</sup> SNIIC (2016).

Os cursos de restauro vêm atualmente ganhando mais espaço em nosso país, conferindo diplomas de nível técnico e de nível superior. O foco é a conservação de bens culturais móveis, ainda que alguns tenham como objetivo a conservação e restauro de imóveis históricos.

Hoje em dia, os mais conhecidos na modalidade bacharelado estão em funcionamento na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e na Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Eles têm duração média de 4 anos, sendo que, em linhas gerais, nos dois primeiros, os alunos aprendem noções gerais de conservação e restauração de obras, que servem como base para sua formação. Da metade para o final do curso, eles são direcionados a áreas específicas, como papel, escultura, pintura e conservação preventiva. Assim, os alunos podem montar sua grade curricular de acordo com suas necessidades e/ou interesses. É neste momento que começam a ter mais contato com a profissão, pois se deparam com disciplinas práticas e estágios em museus, ateliês, laboratórios, igrejas, entre outros.

O mais antigo, pelo que se sabe, é o curso de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis da UFMG, criado em 2008, e considerado o primeiro do gênero no país<sup>78</sup>. Ele capacita os discentes, no nível teórico e prático, para analisar, identificar, discutir e intervir em diferentes categorias de bens culturais móveis: pintura, documentos fílmicos e gráficos, têxteis e objetos tridimensionais (mobiliário, escultura, objetos históricos e arqueológicos). Possui carga horária de 2565 horas, compreendidas em: 1260 horas obrigatórias, 90 horas livres e 1215 horas optativas<sup>79</sup>.

Em dezembro de 2007, foram lançadas as diretrizes gerais do Programa de Reestruturação e Expansão da UFRJ. Observando estas

---

<sup>78</sup>ESCOLA DE BELAS ARTES|UFMG (s/d).

<sup>79</sup> ESCOLA DE BELAS ARTES|UFMG (s/d).



resoluções, em junho de 2009, foi criado o curso de graduação em Conservação e Restauração (de Bens Culturais Móveis) da Escola de Belas Artes (EBA/UFRJ). A estrutura curricular do curso integra o campo teórico e o prático. Seu objetivo é realizar pesquisas teóricas relativas à preservação das artes plásticas, uma vez que a preservação do patrimônio envolve o conhecimento e a compreensão das leis de mercado de arte, das linguagens artísticas, das práticas de curadoria para exposições e da gestão de negócios relativos à cultura<sup>80</sup>. O curso compreende uma carga horária mínima de 2440 horas que são divididas em: 1560 horas em disciplinas obrigatórias, 610 horas em requisitos curriculares suplementares, 180 horas em disciplinas complementares de escolha condicionada e 90 horas em disciplinas complementares de livre escolha<sup>81</sup>.

O curso em Conservação e Restauração de Bens Culturais da UFPel surgiu em 2009 e tem como foco a abordagem e tratamento de três principais tipologias de suportes dos bens culturais: papel, madeira e pintura. Por meio das disciplinas optativas do curso, é possível adquirir conhecimento de outros tipos de bens culturais. Dentre elas destacam-se os materiais cerâmicos, metais, têxteis e pétreos. Sua carga horária total é de 2403 horas divididas em: 1644 horas obrigatórias, 227 horas livres, 300 horas atividades complementares, 120 horas de estágio e TCC<sup>82</sup>.

Quadro 6 – Cursos de Bacharelado em Restauo de Bens Culturais no Brasil em funcionamento – principais características

	<b>UFMG</b>	<b>UFPel</b>	<b>UFRJ</b>
<b>Grau Acadêmico</b>	Bacharelado	Bacharelado	Bacharelado

<sup>80</sup> ESCOLA DE BELAS ARTES|UFRJ (s/d).

<sup>81</sup> SIGA|UFRJ (2020).

<sup>82</sup> UFPel (s/d).

<b>Duração</b>	8 semestres	7 semestres	8 semestres
<b>Carga horária</b>	Total: 2565h	Total: 2403h	Total: 2440h
<b>Turno</b>	Diurno	Noturno	Integral
<b>Data de criação</b>	2008	15 de outubro de 2009	25 de junho de 2009
<b>Vagas ofertadas</b>	30 vagas anuais	36 vagas anuais	40 vagas

Fontes: <https://institucional.ufpel.edu.br/cursos/cod/5900>; [https://carreiras.stoodi.com.br/cursos/conservacao-e-restauracao/](https://wp.ufpel.edu.br/crbensmoveis/infomacoes-sobre-o-curso/#:~:text=Tem%20dura%C3%A7%C3%A3o%20m%C3%ADnima%20de%20tr%C3%AAs,ou%20livres%20(227%20horas).; https://carreiras.stoodi.com.br/cursos/conservacao-e-restauracao/); <https://eba.ufri.br/cursos-disciplinas/>; <https://siga.ufri.br/sira/temas/zire/frameConsultas.isp?mainPage=/repositorio-curriculo/E73902D8-92A4-F79C-1470-CA8CBEAE3FAC.html>; [https://ufmg.br/cursos/graduacao/2389/77496#:~:text=BACHARELADO%2FFORMACAO%20LIVRE&text=O%20curso%20Conserva%C3%A7%C3%A3o%20e%20Restaura%C3%A7%C3%A3o,desenvolvimento%20de%20pesquisa%20na%20C3%A1rea.](https://ufmg.br/cursos/graduacao/2389/77496#:~:text=BACHARELADO%2FFORMACAO%20LIVRE&text=O%20curso%20Conserva%C3%A7%C3%A3o%20e%20Restaura%C3%A7%C3%A3o,desenvolvimento%20de%20pesquisa%20na%20C3%A1rea.;); <https://www.eba.ufmg.br/graduacao/conservacao/selecao.htm>

Já entre os cursos de nível médio e de nível superior tecnológicos destacam-se os cursos do IFMG, mais recente, e da FAOP, o mais antigo, ambos em Ouro Preto.

Em linhas gerais, no curso do IFMG, os discentes aprendem química, solos, arquitetura das cidades, história da arte, restauração, resistência de materiais, desenho arquitetônico, instalações prediais, urbanismo, planejamento e gerenciamento de obras. Ainda que os alunos tenham disciplinas sobre a história da arte, sua carga horária é mais extensa em disciplinas voltadas à prática, como por exemplo a conservação e restauração de arte sacra<sup>83</sup>.

O Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG) concede aos profissionais da área uma capacitação técnico-tecnológica e

<sup>83</sup> GUIA DO ESTUDANTE (2012).

operacional para o cumprimento de atividades de conservação e restauração de imóveis, principalmente os de valor cultural e histórico, com visão crítica, abrangente e multidisciplinar, capazes de interagir com ampla gama de profissionais afetos às questões da construção civil, valorizando o patrimônio construído. O curso compreende uma carga horária de 2440 horas divididas em: 2160 horas em disciplinas obrigatórias, 60 horas em disciplinas optativas e 180 horas em componentes curriculares<sup>84</sup>.

Como já vimos, a formação oferecida pela FAOP é considerada a primeira experiência brasileira estruturada de forma regular na área<sup>85</sup>. Ela tem por objetivo formar profissionais técnicos capacitados para análise, diagnóstico e intervenção adequadas em acervos de papel, escultura policromada e pintura de cavalete. Também dá significativa importância à preservação de acervos comunitários<sup>86</sup>.

---

<sup>84</sup> IFMG (s/d).

<sup>85</sup> FAOP (s/d).

<sup>86</sup> FAOP (s/d).

Quadro 7 - Cursos Técnicos em Restauro de Bens Culturais no Brasil em funcionamento – principais características

	<b>FAOP</b>	<b>IFMG</b>
<b>Grau Acadêmico</b>	Técnico Nível Médio	Superior Tecnológico
<b>Objetivo da Formação</b>	Conservação e Restauração de Bens Móveis	Conservação e Restauração de Bens Imóveis
<b>Duração</b>	5 semestres	6 semestres
<b>Carga Horária</b>	Total – 1558h e 20min	Total: 2400h
<b>Turno</b>	Matutino, Diurno e Noturno	Noturno
<b>Data de Criação</b>	1971	Reconhecido em 30 de novembro de 2011
<b>Vagas ofertadas</b>	36 vagas no 20.1	36 vagas no 20.1

Fontes: <http://www2.ouopreto.ifmg.edu.br/ensino/graduacao/cursos/tecnologia-em-conservacao-e-restauro>;  
<http://www2.ouopreto.ifmg.edu.br/documentos/OPTCRES2017.1.pdf> ;  
<http://www.faoop.mg.gov.br/images/uploads/da992a67e062986d4b0203b209325137.pdf>;  
<https://www2.ifmg.edu.br/portal/processo-seletivo/arquivos/edital-79-202-1-graduacao.pdf>

## ANEXO I – AFETOS E REINVENÇÃO DE UMA IDEIA: O PROJETO CANTARIA

A arte da cantaria é de tradição europeia e se fez presente nas construções coloniais mineiras por intermédio da colonização portuguesa. Ela transitava desde as construções mais requintadas até aos pobres muros de canga. Supõe-se que as mudanças estilísticas (relacionadas à substituição da rocha por outros materiais construtivos) tenham contribuído para o processo de decadência da cantaria em Minas Gerais no século XIX<sup>87</sup>.

A partir da década de 30 do século passado foi possível sentir os efeitos da perda dessa prática. Este fato tornou-se evidente quando o antigo SPHAN decidiu implementar uma política preservacionista, que envolvia o inventário, o tombamento e o restauro do conjunto de monumentos do Barroco Mineiro, e necessitava da cantaria como técnica de restauro, pois grande parte do patrimônio edificado de Ouro Preto possuía algum tipo de rocha lapidada em sua composição. Na falta de mão-de-obra qualificada na região, as reformas que foram feitas naquela época tiveram que contar com profissionais de outros estados e até mesmo de outros países<sup>88</sup>.

Somente a partir da década de 1980, José Raimundo Pereira, o “Seu Juca”, mestre de obras, encarregado de restaurar uma cruz na Ponte do Pilar, em Ouro Preto, experimenta as técnicas da cantaria. Ele optou por restaurar o monumento com pedra da região ao invés de cimento. O único contato que tivera com a arte da cantaria anteriormente foi quando trabalhou de servente para os canteiros espanhóis e portugueses na reforma do Museu da Inconfidência em 1939. A partir de então, Seu Juca

---

<sup>87</sup> SILVA, Fabiano Gomes da. (2003). **O caminho das pedras: canteiros de Vila Rica no século XVIII, a partir de inventários post-mortem e testamentos**. XI Seminário de Iniciação Científica da UFOP. Ouro Preto, apud RODRIGUES; SILVA; FORTES; SEGATO & PEREIRA (2004).

<sup>88</sup> RODRIGUES; SILVA; FORTES; SEGATO & PEREIRA (2004).

passou a trabalhar em diversas obras de manutenção e restauração de monumentos da cidade<sup>89</sup>.

Desde o final da década de 90, vêm-se buscando aparatos para divulgação e formação de artífices e mestres em cantaria, a fim de preservar o ofício de canteiro. Esta procura se deu primeiramente através da FAOP e, em seguida, através da Universidade Federal de Ouro Preto<sup>90</sup>.

O programa Revisitando Ouro Preto através da Cantaria foi criado com o apoio da Pró-Reitoria de Extensão da UFOP, da Alcan - Alumínio do Brasil, da Fundação de Amparo à Pesquisa em Minas Gerais (FAPEMIG) e do IPHAN/13º Sub Regional II. Tem como objetivo estimular a apropriação e o uso do patrimônio cultural da cidade ouro-pretana sob um olhar sensibilizado pela técnica e beleza da cantaria mineira<sup>91</sup>. E tem como incumbência despertar, desenvolver e fomentar atitudes de valorização, respeito e preservação do Patrimônio Cultural de Ouro Preto nos educandos da cidade.

O projeto de extensão Cantaria da Universidade Federal de Ouro Preto (Oficina de Cantaria) é coordenado pelo Professor Carlos Alberto Pereira do Departamento de Engenharia de Minas da Escola de Minas / UFOP (DEMIN) e se inspira no exemplo de vida e na valorização dos conhecimentos de seu pai, o Mestre Juca, um dos últimos mestres canteiros de Minas Gerais. Desde 2012, ele resgata a arte da cantaria<sup>92</sup>, extinta a partir de meados do século XIX na região de Ouro Preto, integrando-se ao Programa de Defesa do Patrimônio Cultural, criado pela Pró-

---

<sup>89</sup> RODRIGUES; SILVA; FORTES; SEGATO & PEREIRA (2004).

<sup>90</sup> RODRIGUES; SILVA; FORTES; SEGATO & PEREIRA (2004).

<sup>91</sup> PEREIRA; FERNANDES; SILVA, OLIVEIRA & JÚNIOR (2004).

<sup>92</sup> A arte da cantaria consiste em lavar rocha em forma geométrica ou figurativa para aplicações em construções, com finalidade ornamental e/ou estrutural. As construções mais antigas, com as limitações técnicas e ferramentas escassas, eram caracterizadas por estruturas irregulares de pedras soltas e de tamanhos desiguais, compondo uma arquitetura bem rudimentar [RIBEIRO (2018)].

Reitoria de Extensão da UFOP<sup>93</sup>. Além de formar mão de obra qualificada, o projeto realiza pesquisa histórica e de materiais, podendo, assim, contribuir com restauração do patrimônio da cidade e com a formação de canteiros para atender as necessidades das obras de restauração em Ouro Preto e demais cidades históricas mineiras.

A formação de educação patrimonial e de novos canteiros, destinada a um público amplo, é custeada pelas pesquisas históricas e de materiais. O curso de canteiro era ministrado pelo falecido mestre “Seu Juca”, tinha duração média de 2 anos e era destinado a todos profissionais de áreas correlatas à cantaria e interessados em geral. Para concluir o curso, havia ainda um estágio obrigatório para os futuros canteiros. Depois da conclusão do curso, a Escola de Cantaria apoiava seus ex-alunos divulgando suas habilidades e seus produtos em diversas cidades mineiras<sup>94</sup>.

A oficina de cantaria também desenvolve o Projeto Educação e Arte para Crianças, que tem como finalidade ampliar o conhecimento científico e cultural das pessoas através da valorização do patrimônio histórico da cidade. Dá, ainda, oportunidade para o aluno da UFOP se inserir no cotidiano da comunidade ouro-pretana e atuar frente às questões sociais. O projeto tem como público-alvo crianças da rede pública e privada que estejam cursando a 4ª série (atual 5º ano) do Ensino Fundamental e tem duração de 06 meses<sup>95</sup>. Sua primeira etapa consiste em pesquisas de metodologias de educação infantil e planejamento de aulas por parte dos estudantes universitários participantes do programa de Extensão. Com este material pronto, eles saem para visitar as escolas da cidade e, juntamente com os pais e docentes, selecionam as crianças que irão fazer parte do projeto, lembrando que a formação é encerrada com uma

---

<sup>93</sup> RODRIGUES; SILVA; FORTES; SEGATO & PEREIRA (2004).

<sup>94</sup> RODRIGUES; SILVA; FORTES; SEGATO & PEREIRA (2004).

<sup>95</sup> PEREIRA; FERNANDES; SILVA, OLIVEIRA & JÚNIOR (2004).

apresentação dos discentes a seus pais e professores demonstrando os resultados encontrados. No que diz respeito ao desenvolvimento, com o grupo formado começam-se as aulas, que não se restringem ao espaço escolar. Na sua programação estão incluídas visitas à museus e parques da cidade; à laboratórios de petrografia, botânica e mineralogia; ginásio esportivo e oficina de cantaria. Além dessas atividades, descortinaram-se outras, tais como a elaboração de poemas a respeito da valorização da cantaria e do patrimônio cultural, e apresentações teatrais nas escolas. A título de exemplo, seguem abaixo alguns poemas elaborados pelos alunos do ensino fundamental no âmbito do projeto.

“Como vimos a oficina de cantaria

Tinha muitas pedras e poucos óculos.

Tinha muitas crianças e poucos mestres.

Tinha pedras duras e pedras moles.

As duras não conseguimos furar e as moles despedaçavam.

Tinha pouco espaço e muito calor humano.

Teve começo e não teve fim.

Nossa escultura ficou lá nas mãos do mestre canteiro,

Falamos do Senhor Juca que nos encantou

Com o seu esforço, simpatia e calor humano.

Temos certeza de que ele dará um jeito em tudo que ficou por lá.

*Felipe, Natália e Arley (Escola Izaura Mendes)<sup>96</sup>*

### **Cantaria**

A cantaria é uma obra

---

<sup>96</sup> Apud RODRIGUES; SILVA; FORTES; SEGATO & PEREIRA (2004), p. 6.



Linda de se ver  
Preste atenção minha gente  
Agora vamos descrever

Que lindo, que lindo!  
O chafariz eu posso ver  
É uma obra  
Que nunca vou esquecer.

Cantaria, cantaria  
Que pedra posso levar  
A pedra quartzito  
Ou a rocha do mar

Na riqueza da cantaria  
Temos um mestre, que alegria!  
Oh! Cantaria! Seu Juca – o mestre da arte à fantasia  
Encanto de moradores e turistas,  
No canto da pedra faz da arte a melodia

Ah! Filho querido!  
Descobriu no próprio pai um artista,  
Hoje encanta o mais fino turista  
Com a arte que Ouro Preto havia perdido.

Ao longe se houve o som  
Das mãos humildes a tocar  
Ainda sou pequeno, que bom!  
A cantaria já sei valorizar

Somos apenas alunos  
 De uma escola municipal,  
 Já seguindo nossos rumos  
 Pra cidade patrimonial.  
 Queremos sempre preservar  
 O que o mestre nos deixar

Para isso, temos que nos conscientizar.  
 O que é nosso não pode acabar  
 Foi feito com mãos abençoadas  
 Para o mundo encantar.”

*Alunos da professora Rosilea A. C. Carvalho (Escola Padre Carmélio Augusto Teixeira)<sup>97</sup>*

Segundo os responsáveis pelo Projeto Cantaria, que desenvolvem também outras atividades extensionistas<sup>98</sup>, analisando os impactos do projeto na vida das crianças participantes, constata-se que elas apresentam melhorias no comportamento na escola e dentro de casa, além de aumentarem sua atenção durante as aulas. Outro impacto positivo é aprenderem a importância da cantaria na cidade. Já no que diz respeito aos graduandos da UFOP envolvidos no projeto, em geral, percebe-se que têm suas notas melhoradas e, depois de formados, estes engenheiros se diferenciam nas empresas por serem pessoas envolvidas com questões sociais<sup>99</sup>.

---

<sup>97</sup> Apud RODRIGUES; SILVA; FORTES; SEGATO & PEREIRA (2004), p. 5-6.

<sup>98</sup> Como exemplo de outro Projeto de Extensão do DEMIN podemos citar as bibliotecas comunitárias que têm como finalidade disponibilizar e difundir informação para o conjunto de cidadãos que residem em localidades afastadas ou desprovidas de serviços públicos do gênero. O DEMIN e as comunidades dos bairros Saramenha e Morro São Sebastião, em Ouro Preto/MG, implantaram duas bibliotecas comunitárias para ampliar e dinamizar as oportunidades de leitura e estudos para crianças, jovens, adultos e idosos. Combinando as atividades do estímulo à leitura, reforço escolar, oficinas de leitura, oficinas de culinária, lazer e ações culturais.

<sup>99</sup> PEREIRA; PEREIRA & IMBELLONI (2013).

## ANEXO II – AS LEIS DE INCENTIVO E AS INOVAÇÕES NO FINANCIAMENTO DO RESTAURO DE BENS HISTÓRICOS

Em 1988 foi promulgada nossa atual Constituição e um dos seus artigos, o de número 26, é referente ao patrimônio cultural brasileiro. Nele afirma-se que “*constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira*”<sup>100</sup>.

O início da década de 90 foi conturbado no que se refere a cultura, acompanhando uma vaga liberalizante que atingiu várias áreas de atuação do Estado, houve forte redução de investimentos públicos nessa área. Neste contexto, foram fortalecidos novos instrumentos legais, que através de incentivos fiscais possibilitariam à participação direta da iniciativa privada nas atividades culturais. Neste sentido, a Lei Rouanet substituiu a chamada Lei Sarney, promulgada ainda em 1986 e considerada excessivamente liberal<sup>101</sup>.

A Lei Rouanet, por sua vez, recebeu esta denominação devido ao nome do autor do texto legal, o embaixador Sérgio Paulo Rouanet, que foi responsável pela criação do PRONAC – Programa Nacional de Apoio à Cultura – que previa três fontes de financiamento: Fundo Nacional da Cultura (FNC), os Fundos de Investimento Cultural e Artístico (FICART) e Incentivo a Projetos Culturais. O último correspondia, então, a um mecanismo de mecenato que acontecia através de renúncia fiscal<sup>102</sup>.

A única forma de financiamento que realmente teria obtido resultado foi o instrumento de mecenato, que, em troca de apoio à projetos culturais sob forma de doação ou patrocínio, faculta às pessoas físicas ou jurídicas abatimento no valor do Imposto de Renda devido. Assim, a União

---

<sup>100</sup> CUNHA (2010).

<sup>101</sup> CUNHA (2010).

<sup>102</sup> CUNHA (2010).

disponibiliza parte deste Imposto de Renda, com o intuito de que estes recursos sejam destinados à projetos aprovados pelo Ministério da Cultura (MinC)<sup>103</sup>. A opção de incentivar o setor cultural não altera o valor a ser pago do IR, apenas direciona uma fração dele para o projeto escolhido<sup>104</sup>.

Com o passar dos anos, a Lei Rouanet sofreu várias modificações, mas, mesmo assim, continua sendo um importante instrumento federal que incentiva o restauro de monumentos tombados<sup>105</sup>.

Em 2019 novas regras relacionadas à Lei foram anunciadas. Ela passa a ser denominada “Lei de Incentivo à Cultura” e, estipula não só um teto para o valor financiado via renúncia fiscal, mas também um montante máximo de recursos que uma mesma empresa (ou organização) poderá receber para viabilizar um projeto. As novas determinações não se aplicam a projetos de conservação e restauração de imóveis, monumentos, sítios e demais objetos, inclusive espaços naturais, tombados por qualquer esfera de Poder; construção de salas de cinemas e teatro em cidades de pequeno porte, e planos anuais e plurianuais de atividades<sup>106</sup>. Um dos pretextos para as últimas alterações naquele instrumento legal de renúncia fiscal é reduzir a concentração de recursos designados aos Estados de São Paulo e Rio de Janeiro<sup>107</sup>. No entanto, o atual governo, em diversos pronunciamentos, atacou a Lei Rouanet e afirmou que iria eliminar o dispositivo, embora não seja papel do executivo legislar. Afirmou, reiteradamente e sem qualquer fundamento, que se tratava de um mecanismo de financiamento de um suposto marxismo cultural e constituiria uma ameaça à sociedade. O ex-secretário da Secretaria de Fomento e Incentivo à Cultura (Sefic), Camilo Calandrelli, chegou a afirmar

---

<sup>103</sup> SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA (2018).

<sup>104</sup> FUNDAÇÃO CULTURAL DE CURITIBA (s/d).

<sup>105</sup> Lembrando que, nos mesmos moldes, há diversos dispositivos legais estaduais e municipais em vigor.

<sup>106</sup> SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA (2019).

<sup>107</sup> VALENTE (2019).

em um artigo para o portal MCI que a Lei Rouanet “passou a ser utilizada como mecanismo de ideologização política”, apropriada pelo “marxismo cultural” durante o governo PT, e acabou contrariando seu objetivo inicial de financiar projetos de pequenos e médios produtores<sup>108</sup>. Segundo o Ministro das Relações Exteriores, Ernesto Araújo, “o marxismo cultural governou por dentro de um sistema aparentemente liberal e democrático, construído por meio de corrupção, intimidação e controle de pensamento”. O Ministro da Educação, Ricardo Vélez Rodríguez, em sua posse, afirmou que o “marxismo cultural é uma coisa que faz mal para a saúde. A saúde da mente, do corpo e da alma”. Segundo o agora ex-ministro, “antes de mais nada somos pessoas individualizadas. O marxismo cultural passa a borracha em cima disso e nos considera massa. Nós não somos massa, somos indivíduos”<sup>109</sup>.

Diante de tantos ataques recentes à cultura, à arte e à liberdade de expressão, é curioso observar que uma legislação criada para retirar do Estado a responsabilidade pela decisão sobre onde aplicar recursos na cultura e transferi-la para as empresas privadas acabou produzindo resultados inesperados, garantindo financiamento público às atividades artísticas a ponto de limitar eventuais decisões arbitrárias daqueles que, no governo, pregam o obscurantismo. Talvez, e este ponto merece estudos mais aprofundados, a pulverização dos recursos entre muitos projetos de captação e muitos financiadores, além de mecanismos mais transparentes utilizados (editais públicos), tenha permitido certa democratização do acesso aos recursos públicos pelos produtores culturais. Temia-se que a liberdade de expressão seria constrangida pelas decisões dos financiadores privados (com dinheiro público de renúncia fiscal), mas parece que não foi este o principal resultado uma vez que o mecanismo passou a ser visto como uma ameaça por um governo nitidamente

---

<sup>108</sup> FOLHA DE SÃO PAULO (2019).

<sup>109</sup> SILVA (2019).

autoritário. Assim, um mecanismo que previa a retirada do Estado da área cultural, restringindo-o a um papel de regulação, talvez tenha se transformado num mecanismo de resistência velada ao autoritarismo e de defesa da liberdade de expressão e manifestação, assegurando, aparentemente, direitos fundamentais do Estado democrático, apesar da atuação contrária de um governo<sup>110</sup>.

Outro importante instrumento de financiamento das ações de recuperação e preservação do patrimônio histórico que temos disponível até hoje no Brasil foi o Monumenta, com o objetivo de fomentar o restauro em escala urbana dos bens públicos ou privados, a partir de outras formas de financiamento e gestão<sup>111</sup>. Esse programa surgiu a partir de 1995, quando tiveram início programas de revitalização de sítios históricos, graças a uma parceria realizada com o BID – Banco Interamericano de Desenvolvimento<sup>112</sup>. Sua atuação concentrou-se nas cidades históricas protegidas pelo IPHAN, onde promove obras de recuperação e restauração de bens tombados e edificações, além de promover programas educativos e incentivar a formação de agentes locais de cultura e turismo e de mão de obra especializada nestas atividades econômicas<sup>113</sup>. Diferenciando-se um pouco dos mecanismos de renúncia fiscal (Lei Rouanet e assemelhadas), faz parte dos propósitos do Programa Monumenta estimular ações conjuntas da iniciativa privada, governo e comunidade. Através desse arranjo esperava-se induzir a economia, a educação e a cultura locais das cidades receptoras do projeto, e, por consequência, facilitar e incentivar a inclusão social, cultural e econômica da população<sup>114</sup>.

---

<sup>110</sup> Comentários de José Artur S. Ferreira.

<sup>111</sup> GALLI et al (2016).

<sup>112</sup> CUNHA (2010).

<sup>113</sup> IPAC (s/d).

<sup>114</sup> IPAC (s/d).

### **3 O CURSO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURO DA EARMFA/FAOP SERIA UMA INCUBADORA DE TALENTOS, CONTRIBUINDO PARA A FORMAÇÃO DO MERCADO DE TRABALHO PARA RESTAURADORES NO BRASIL?**

O objetivo do capítulo é levantar elementos, ainda que não conclusivos, que apontem o papel de uma instituição pública, no caso a FAOP, na construção de laços sociais a partir dos percursos profissionais de seus egressos, que sejam importantes para a estruturação de um mercado de trabalho local (e, eventualmente, nacional) para restauradores.

Inicialmente, apresentaremos, brevemente, a ideia de laços sociais na sociologia econômica. Em seguida, iremos localizar onde se encontram, hoje, os egressos da EARMFA/FAOP e em que área estão atuando. Finalmente, a partir de entrevistas qualitativas com alguns desses egressos, iremos explorar se (e, eventualmente, como) os laços sociais entre os egressos e entre os egressos e os docentes do Curso de Restauração contribuem (e como) para a criação de demanda para o trabalho dos restauradores.

#### **3.1 As ideias de laços sociais e de estrutura social na Sociologia**

Mark Granovetter, considerado um dos pioneiros da Nova Sociologia Econômica, dedicou-se a identificar as formas de inserção social das ações econômicas e suas consequências.

Esse autor defende um enfoque estrutural do mercado, isto é, o mercado seria constituído (ou estruturado) através de redes interpessoais<sup>115</sup>. Por sua vez, tais redes interpessoais são formadas através de laços e a força de um laço é resultante de uma combinação entre intensidade emocional, quantidade de tempo, intimidade e serviços recíprocos entre os envolvidos<sup>116</sup>.

Os laços sociais poderiam ser classificados em fracos, fortes e ausentes. Os fracos possibilitariam manter contato com indivíduos de fora do seu círculo usual de convivência, ou seja, ligariam pessoas socialmente distantes. Os fortes consistiriam nas relações com pessoas mais próximas, como amigos íntimos e familiares. Já os

---

<sup>115</sup> RAUD-MATTEDI (2005).

<sup>116</sup> GRANOVETTER (1973) apud BOUÇA (2014).

ausentes seriam com indivíduos que não agregam e nem possuem influência no seu cotidiano e conhecimento<sup>117</sup>.

Granovetter sustenta ainda que a chamada análise de rede, que considera as “interações concretas entre indivíduos e grupos” (ou o que poderíamos chamar de laços de relacionamento), poderia nos oferecer soluções alternativas para um amplo espectro de problemas-chave usualmente tratados pela Teoria Econômica, a saber, o funcionamento do mercado de trabalho, o êxito de micro e pequenas empresas, o desenvolvimento econômico, o papel da confiança e do oportunismo, ou ainda a formação de preços<sup>118</sup>. A título de exemplo, aquele autor teria demonstrado que as redes sociais seriam mais relevantes para o ajustamento entre oferta e procura de trabalho do que os meios formais utilizados pelas organizações<sup>119</sup>.

Como as redes sociais propiciariam a circulação de informações e contribuiriam para a construção da confiança ao limitar os comportamentos oportunistas, a posição de um indivíduo numa rede, assim como as características qualitativas da mesma rede, seriam elementos de grande importância. Contrariando o senso comum, que acredita na maior eficácia de laços sociais fortes, Granovetter provou que a informação teria melhor circulação se ocorresse através de “laços fracos”, isto é, no interior de redes pouco densas, mas com diversos contatos, como é o caso entre amigos não íntimos e conhecidos. Já o recurso aos “laços fortes”, característicos de redes de relacionamento muito densas (como amigos íntimos e familiares) poderia não favorecer a propagação da informação, que ficaria ‘encapsulada’ entre um menor número de contatos<sup>120</sup>. As pessoas com quem temos laços fracos tendem a conviver com grupos diferentes dos que estamos acostumados e, portanto, têm acesso a informações diferentes das compartilhadas por aqueles com os quais mantemos laços fortes. Além do mais, as redes de laços fracos teriam maior tendência de conectar membros de pequenos grupos distintos do que aquelas de laços fortes, que teriam certa circularidade, presas a grupos particulares. Em suma, os laços fracos seriam indispensáveis para oferecer

---

<sup>117</sup> SOARES (2018)

<sup>118</sup> RAUD-MATTEDI (2005)

<sup>119</sup> PEIXOTO & EGREJA (2012)

<sup>120</sup> PEIXOTO & EGREJA (2012)



oportunidades de integração em uma comunidade, desempenhando assim um papel de coesão social<sup>121</sup>.

A título de exemplo, o autor demonstra através de um *survey* aplicado entre trabalhadores em Massachusetts nos Estados Unidos (GRANOVETTER, 1995)<sup>122</sup>, que os indivíduos da amostra recorriam menos a seus parentes e amigos próximos para obterem informações sobre emprego do que a seus conhecidos (ou seja, primeiramente consultavam às suas redes de laços fracos). Assim, a explicação do autor para este fato é a de que isso se deve a primazia da estrutura sobre a motivação.

Já os *laços fortes* seriam mais procurados entre indivíduos jovens e entre indivíduos em situação de pressão particular - no caso do *survey* analisado, momentos de desemprego - pois em ambos os casos é de se esperar que a segurança de um vínculo afetivo funcione como medida extraordinária para superar tanto a fase da iniciação profissional quanto a falta de emprego<sup>123</sup>.

Inspirando-se no programa de pesquisas inaugurado por Granovetter, Nadya Araújo Guimarães, professora de sociologia da Universidade de São Paulo (USP), realizou, em 2001, um estudo na região metropolitana de São Paulo e constatou que sete em cada dez indivíduos consideravam que a forma mais efetiva de se buscar trabalho era recorrer a familiares, amigos e conhecidos<sup>124</sup>.

Posteriormente, em 2004, a docente conduziu um novo *survey* com uma amostra representativa do grupo de indivíduos que alegaram, em 2001, ter procurado regularmente trabalho em agências de emprego (três em cada dez indivíduos entrevistados em 2001). Ao analisar o resultado da pesquisa verificou-se que os últimos empregos foram por eles obtidos, principalmente, através de suas

---

<sup>121</sup> GRANOVETTER (1973) apud BOUÇA (2014).

<sup>122</sup> GRANOVETTER (1995) apud LIMA (2005).

<sup>123</sup> LIMA (2005).

<sup>124</sup> GUIMARÃES (2009).

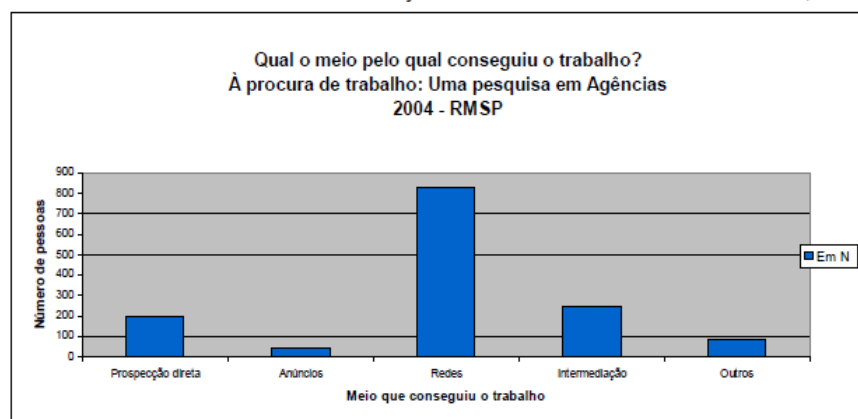
próprias redes, sendo menor a importância da intermediação de agências de emprego, anúncios ou prospecção direta<sup>125</sup>.

Aquela autora observou que, na maioria dos casos, aquelas redes eram compostas por familiares e vizinhos. As pessoas de mais idade, e com maior experiência no trabalho, tinham, nos antigos colegas e contatos profissionais, fontes eficazes para ajudá-los na busca de um novo emprego. Foi possível atestar que os empregos obtidos através de indivíduos de maior proximidade possuíam qualidade precária; eles tinham curta duração e produziam inserção de baixo prestígio se comparados aos empregos obtidos através dos circuitos profissionais com maior circulação da informação<sup>126</sup>.

### 3.2 Análise do levantamento anual com os egressos do Curso Técnico de Nível Médio em Conservação e Restauro da EARMFA realizado pela FAOP

A FAOP realizou uma pesquisa com seus egressos desde a 1ª turma regular do novo currículo do Curso Técnico de Nível Médio em Conservação e Restauro (janeiro/2002 a julho/2003) até a 39ª turma (junho/2016 a dezembro/2018). Segundo os dados apresentados é possível fazer uma análise da trajetória dos alunos após sua formação. Este período engloba a formação de 334 profissionais em Conservação e Restauro pela Fundação de Arte de Ouro Preto. Dentre eles, 26

**Figura 6**  
**Os mecanismos de obtenção do último trabalho. São Paulo, 2004**



Fonte: CEM, *Survey* "À procura de trabalho", Pesquisa amostral na região metropolitana de São Paulo, agosto de 2004.

125

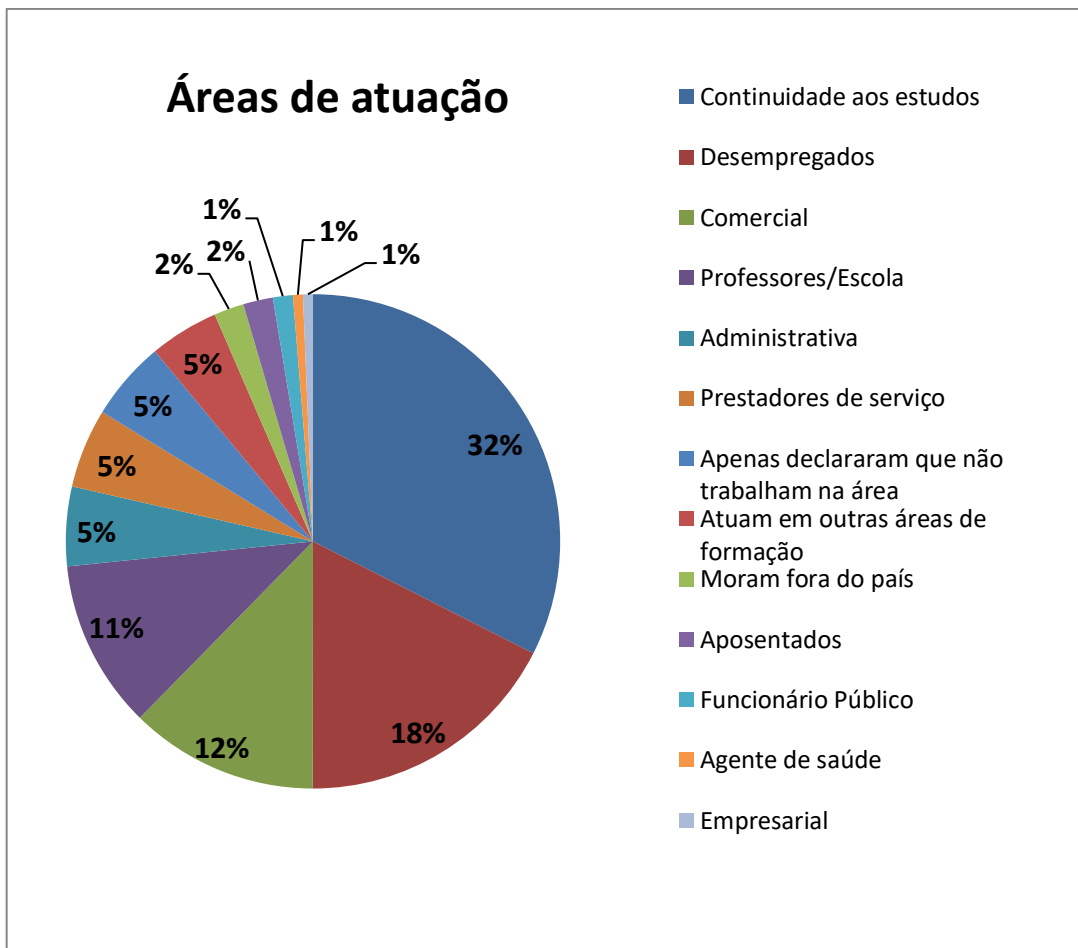
Extraído de GUIMARÃES (2008).

<sup>126</sup> GUIMARÃES (2009)

(7,78%) não foram encontrados e, portanto, não informaram em qual situação se encontram.

Desconsiderando os profissionais que não foram encontrados e/ou falecidos, pode-se afirmar que 47,9% (160 em 334) dos ex-alunos formados no Curso Técnico em Conservação e Restauro da FAOP estão trabalhando na área. Os gráficos a seguir mostram os setores nos quais os dois grupos (egressos que não trabalham na área de formação, Gráfico 1, e os que trabalham, Gráfico 2) atuam, respectivamente.

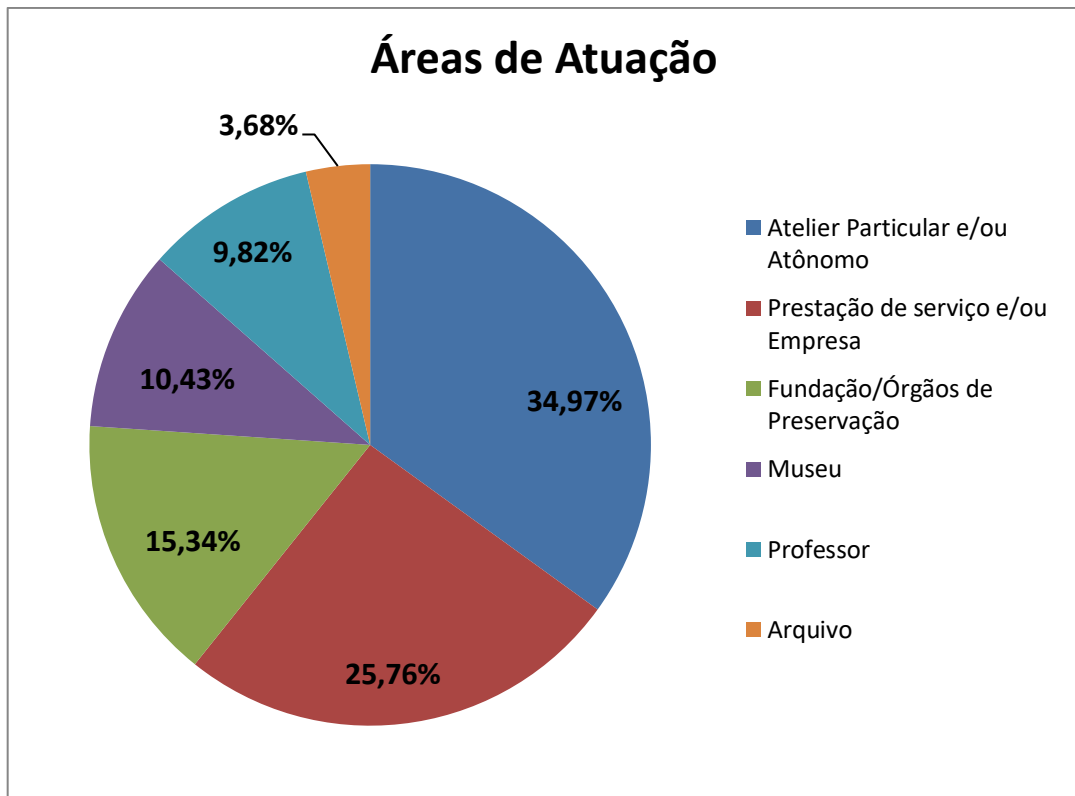
**Gráfico 1 – Áreas de atuação dos egressos do Curso Técnico de Nível Médio em Conservação e Restauro da FAOP que não estão trabalhando na área de formação (2003-2018)**



Fonte: FAOP, elaboração própria.

Nota: faz-se necessário salientar que alguns profissionais atuam em mais de uma área

**Gráfico 2 – Áreas de atuação dos egressos do Curso Técnico de Nível Médio em Conservação e Restauro da FAOP que estão trabalhando na área de formação (2003-2018)**



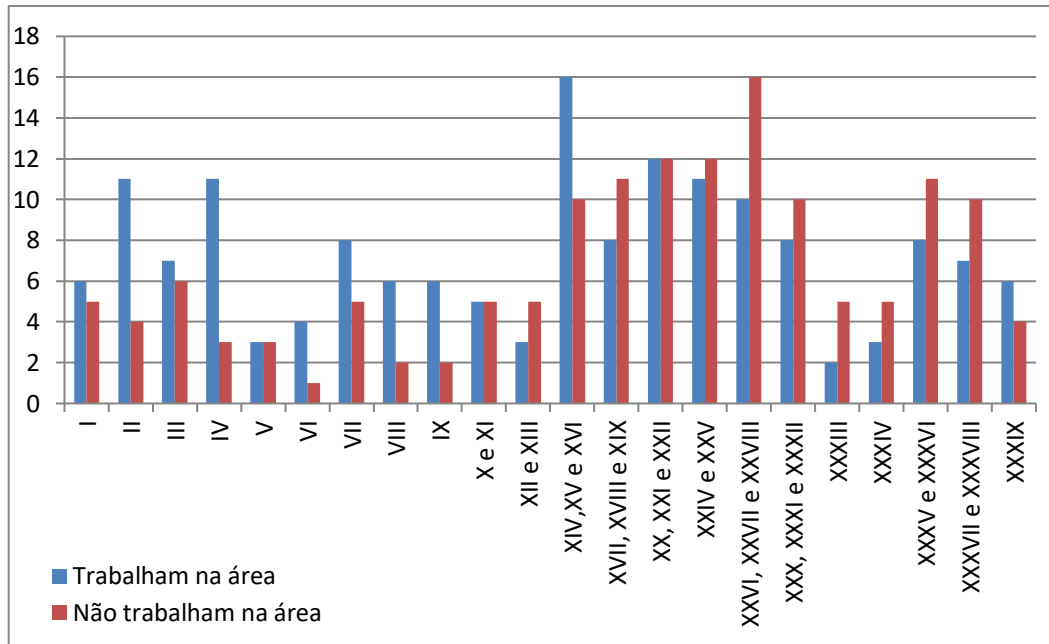
**Fonte:** FAOP, elaboração própria.

**Nota:** faz-se necessário salientar que alguns profissionais atuam em mais de uma área

Entre os egressos que trabalham na sua área de formação (Gráfico 2), a maior parcela concentra-se atuando de forma autônoma e/ou em ateliê particular. Em contrapartida, os egressos atuam de uma forma mínima no setor de arquivos.

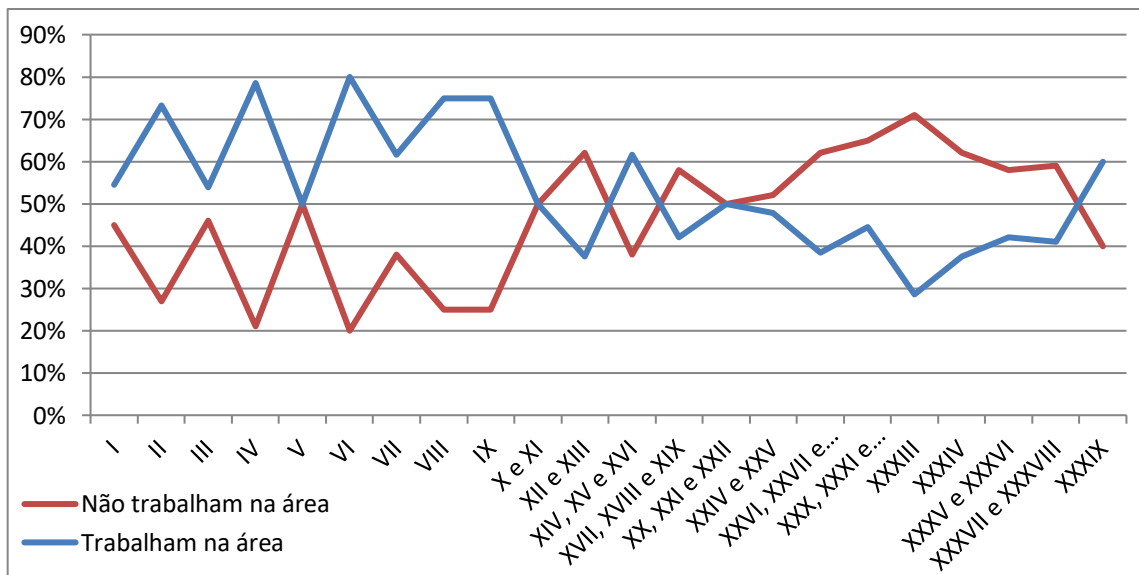
Aprofundando e fazendo uma análise mais minuciosa das turmas é possível elaborar gráficos informativos a respeito do número absoluto e a porcentagem correspondente aos que atuam e aos que não atuam na área de formação.

**Gráfico 3 – Número absoluto de egressos que trabalham ou não na área de formação segundo número da turma dos egressos do Curso Técnico de Nível Médio em Conservação e Restauro da FAOP (2003-2018)**



Fonte: FAOP, elaboração própria.

**Gráfico 4 – Porcentagem dos egressos que trabalham ou não na área de formação segundo número da turma dos egressos do Curso Técnico de Nível Médio em Conservação e Restauro da FAOP (2003-2018)**



Fonte: FAOP, elaboração própria.

Ao fazer uma análise do gráfico anterior, nota-se que há um ponto de inflexão na turma X e XI. A partir desse dado, foi feita uma divisão das turmas neste ponto e o cálculo da média, da mediana e do desvio padrão dos profissionais que trabalham na área dos dois grupos.

**Quadro 8 – Média, mediana e desvio padrão para a informação ‘trabalham na área de formação’ dos Grupos 1 e 2 de egressos do Curso Técnico de Nível Médio em Conservação e Restauro da FAOP (2003-2018)**

	<b>GRUPO 1</b> Turma I a Turmas X e XI	<b>GRUPO 2</b> Turmas XII e XIII a Turma XXXIX
<b>MÉDIA</b>	65,18	44,27
<b>MEDIANA</b>	67,44	42,10
<b>DESVIO PADRÃO</b>	12,35	9,45

Fonte: FAOP, elaboração própria.

Percebe-se que, aparentemente, o primeiro grupo das turmas formadas pelo Curso Técnico em Conservação e Restauro da FAOP encontrou maior facilidade de acesso ou buscou mais ativamente trabalhar na área da formação que receberam na FAOP. Essa mudança merece ser explorada com maior profundidade em trabalhos posteriores. No entanto, segundo Gabriela Lopes de Moura Rangel<sup>127</sup>, a diferença de inserção entre as onze primeiras turmas e as demais pode ser fruto de uma mudança no perfil dos alunos. Inicialmente, o Curso atraía pessoas do país inteiro, que, em geral, já trabalhavam na área. Assim, uma vez concluído o Curso Técnico de Nível Médio em Conservação e Restauro, a formação consolidava competências e laços profissionais que os egressos, muitas vezes, já possuíam antes de ingressar como alunos na FAOP. Posteriormente, foi criado o PEP (Programa de Formação Profissional) pelo governo de Minas, que modificou o perfil dos alunos e futuros egressos. O Curso Técnico de Nível Médio em Conservação e Restauro passou, então, a atrair pessoas que ainda não tinham formação ou inserção pregressa na área, o que, talvez, explique a mudança na inserção no mercado de trabalho dos egressos a partir da XI turma. Adicionalmente, segundo Jonas Durval Cremasco<sup>128</sup>, a partir de 2008, com o REUNI (e a expansão das instituições federais de educação

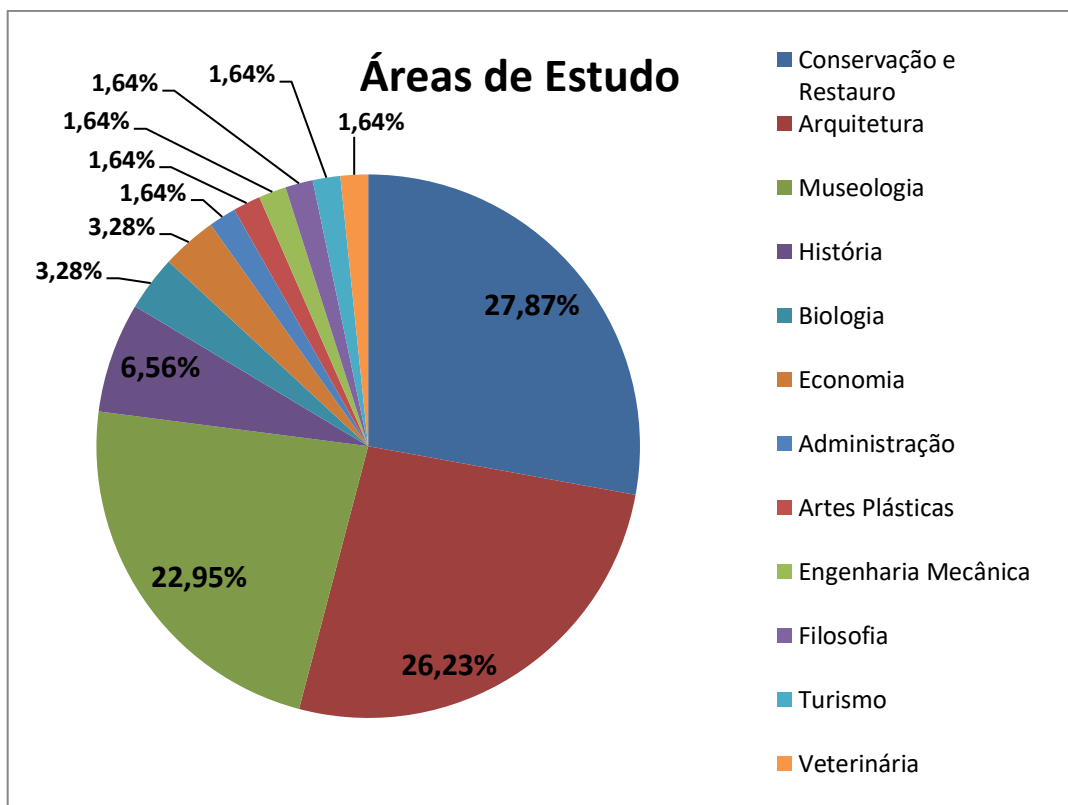
<sup>127</sup> Apontamentos apresentados durante a defesa desta monografia.

<sup>128</sup> Apontamentos apresentados durante a defesa desta monografia.

superior), surgiram novas formações na área, que, por sua vez, passaram a atrair parte dos alunos que, antes, ingressavam na FAOP. Isto, talvez, também explique a mudança na inserção (e no perfil) dos egressos da FAOP.

Outro aspecto interessante e passível de análise é a parcela de egressos que deram continuidade aos seus estudos. Eles representam 18,26% (61 em 334) dos profissionais, que seguiram rumo a diversas áreas que podem ser identificadas pelo gráfico abaixo.

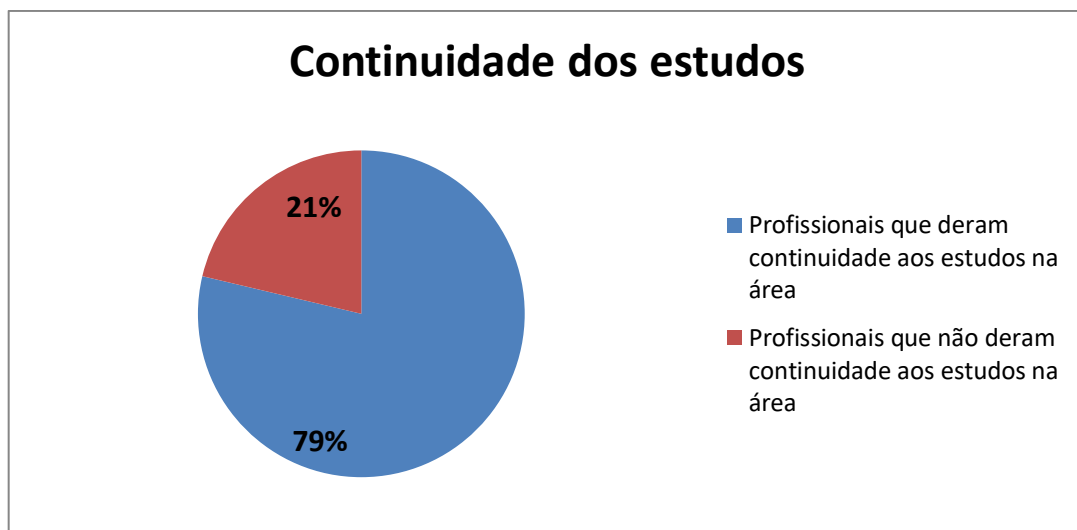
**Gráfico 5 – Áreas de estudo dos egressos do Curso Técnico de Nível Médio em Conservação e Restauro da FAOP que deram continuidade à sua escolarização (2003-2018)**



Fonte: FAOP, elaboração própria.

Ao considerarmos a arquitetura, as artes plásticas, e a museologia como sendo uma extensão dos estudos na área, é possível afirmar que 78,7% (48 em 61) dos egressos deram continuidade aos estudos na área. O gráfico a seguir ilustra esse dado:

**Gráfico 6 – Continuidade dos estudos dos egressos do Curso Técnico de Nível Médio em Conservação e Restauro da FAOP que deram continuidade à sua escolarização (2003-2018)**



Fonte: FAOP, elaboração própria.

### 3.3 O que dizem os egressos da EARMFA/FAOP sobre seus percursos profissionais?

A fim de ter conhecimento sobre o que os egressos têm a dizer sobre seus percursos profissionais e as relações criadas durante e após sua formação no Curso Técnico em Conservação e Restauro da FAOP, alguns profissionais foram contatados e a eles foi enviado um breve questionário com perguntas referentes à sua trajetória após formação e sua opinião sobre a importância de contar com o auxílio de redes para se inserirem no mercado de trabalho<sup>129</sup>.

Os egressos afirmam que, a princípio, é muito importante o auxílio de laços fortes para conseguirem adentrar no mercado de trabalho. Como citado pelo egresso nº 6: “Uma vez que o círculo de trabalhadores atuantes na área é muito fechado e o que muito acontece são contratações por indicações, e isso, não significa que a maioria dessas pessoas contratadas seja qualificada”. E segundo a crença do egresso nº 9, uma vez inseridos no mercado conseguem consolidar seus nomes e sua competência se torna o seu maior motor de divulgação.

<sup>129</sup> Enviamos um questionário (ver anexos I a II) para 18 egressos que foram encontrados em redes sociais e obtivemos retorno de 10 deles.



Apesar de acreditarem, a princípio, na força dos laços fortes, a maioria dos entrevistados conseguiu o primeiro emprego na área através de laços fracos. Uns através de indicações de conhecidos e outros nem sequer conheciam alguém que tinha alguma relação com a oportunidade de trabalho e com o empregador (denotando a ausência de laços).

Com a exceção de apenas dois egressos (egressos nº 4 e nº 5), todos os outros acreditam que as relações construídas na FAOP, durante o curso, e através da Fundação após sua formação são importantes para a sua inserção profissional.

A egressa nº 2 afirma que apesar de ter conseguido emprego na área através de laços fracos, sua formação na FAOP foi fator determinante para que confiassem trabalhos a ela. A de nº 8 acredita que independente dos laços serem fracos ou fortes, por ser uma área de trabalho restrita, a maior parte dos profissionais se conhece ou já ouviu falar um do outro ou até conhece alguém que o conheça e isso facilita na divulgação, e em alguns casos, na indicação para uma vaga. Muitos contaram que tiveram indicações de vaga de emprego ou de trabalhos por parte das relações que criaram na FAOP. Como exemplo, o egresso nº 7 conta que conseguiu seu primeiro emprego na área de formação através do professor Sílvio Luiz Oliveira, que o convidou para integrar sua equipe de obras. E a de nº 10 fez estágio durante o curso e depois de formada foi contratada como conservadora-técnica. Ela disse que ficou sabendo deste estágio através de uma professora que lecionava na Fundação na época.

A egressa nº 3 ressalta que sempre manteve contato com a Fundação, pois é graças a ela que se tornou o que é hoje e que tem muito orgulho dos professores que teve no curso e que hoje se tornaram seus colegas de trabalho.

Interessante observar que a importância das relações interpessoais na trajetória dos egressos do Curso Técnico em Conservação e Restauro da FAOP remonta as relações mestre-aprendiz que caracterizaram a origem e a primeira fase do Curso. A egressa nº1 formou-se na primeira turma regular do novo currículo (2002), mas já atuava como restauradora desde 1969. Ela foi aluna de um curso livre ministrado por Jair Inácio e, em 1970, começou a trabalhar no Departamento de Turismo, cuja sala ficava embaixo da 'Casa da Baronesa', onde até hoje funciona o IPHAN. Na época, Jair Inácio era responsável pelo órgão e ali ela teve a

oportunidade de sempre estar perto dele, aproveitar seus conhecimentos e aumentar os dela a cada conversa. Ela decidiu ingressar na FAOP a fim de conhecer novos produtos químicos. Atualmente, ela trabalha como restauradora de bens móveis e está fazendo curso de Conservação e Restauro de Bens Imóveis do IFMG.

Dadas às características do mercado de trabalho na área de conservação e restauro de bens móveis no Brasil, brevemente enunciadas nesta monografia, a saber, um mercado de trabalho ainda relativamente estreito (mesmo se há muito a restaurar e conservar) e dependente de relações interpessoais, vemos que ainda há muito a explorar sobre as estruturas de laços sociais e o funcionamento deste mercado de trabalho. A primeira vista, laços fortes parecem se misturar a laços fracos na busca de inserção profissional dos egressos do Curso Técnico em Conservação e Restauro da FAOP.

**ANEXO I – RELAÇÃO DOS EGRESSOS ENTREVISTADOS DO CURSO TÉCNICO  
DE NÍVEL MÉDIO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURO**

EGRESSO 1 – Turma I

EGRESSO 2 – Turma II

EGRESSO 3 – Turma VI

EGRESSO 4 – Turmas X e XI

EGRESSO 5 – Turmas XVII, XVIII e XIX

EGRESSO 6 – Turmas XX, XXI e XXII

EGRESSO 7 – Turmas XXIV e XXV

EGRESSO 8 – Turmas XXX, XXXI e XXXII

EGRESSO 9 – Turma XXXIII

EGRESSO 10 – Turmas XXXV e XXXVI

## **ANEXO II – QUESTIONÁRIO ENVIADO AOS EGRESSOS ENTREVISTADOS DO CURSO TÉCNICO DE NÍVEL MÉDIO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURO**

- 1 – Em qual cidade reside? Há quanto tempo mora nessa cidade?
- 2 – Trabalha em qual área?
- 3 – Após sua formação na FAOP, você trabalhou na área? Se sim, como conseguiu seu primeiro emprego?
- 4 – Para conseguir emprego na sua área de formação (Técnico em Conservação e Restauro), você acha mais relevante o auxílio de pessoas mais íntimas ou de pessoas que não são tão próximas a você?
- 5 – Você teve contribuição de colegas do curso, professores ou da própria FAOP para conseguir emprego?
- 6 – Você acha importante este auxílio para conseguir se inserir no mercado de trabalho?
- 7 – Você ainda mantém contato pessoal e/ou profissional com a rede da FAOP (ex-colegas, professores e a própria Fundação)?

## CONCLUSÃO

Nesta monografia procuramos elementos que nos ajudassem a entender o papel da FAOP na formação de profissionais de restauro no país e as relações que eventualmente os egressos mantêm com a Fundação e/ou com os demais egressos. Buscando o fio da meada, acreditamos que as origens da FAOP remontam à busca de uma identidade nacional através da arte e do fazer a arte. Esse fio condutor teria contribuído para propiciar as condições para a criação da FAOP e nunca deixou de ser um dos ‘móveis’ da Fundação, embora, sobre essa história, ainda haja muito o que contar.

No primeiro capítulo, vimos que os anos vinte do século passado foram marcados por profundas mudanças no contexto histórico e cultural mundial. Espelhando essas transformações, no Brasil, o movimento modernista e a Semana de Arte Moderna de 1922 foram um marco na divulgação das realizações de uma nova geração de poetas e artistas, centradas nas questões relacionadas à identidade nacional. Nessa direção, segundo Mário de Andrade uma arte genuína teria se desenvolvido em Minas Gerais graças ao isolamento e a distância das cidades mineiras em relação aos centros litorâneos, que distanciaram o Estado das influências europeias, permitindo assim, que, germinasse, naquelas terras, a “mais característica arte religiosa do Brasil”. Nos anos que se seguiram, como detalhamos anteriormente, os modernistas teriam redescoberto as cidades históricas mineiras com objetivo de visitar e explorar o passado brasileiro para que fosse possível desvendar as origens da nacionalidade e construir um país moderno.

Modernidade e valoração do patrimônio cultural passaram a andar de mãos dadas, sendo criado, em 1937, o Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) se instituindo o tombamento como principal instrumento para organizar as ações de proteção do patrimônio histórico e artístico nacional (Decreto-lei nº 25/1937). Mas, se a preocupação era grande, por outro lado, não existiam técnicas apuradas na área de restauração e nem oficinas apropriadas para este tipo de serviço. Em busca desses saberes, os arquitetos do SPHAN aproximaram-se da Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro e participaram dos Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna (CIAM), reforçando a aproximação entre arte moderna e patrimônio.

Ao lado da preocupação com os imóveis históricos, indicamos que, durante ao longo das primeiras décadas do SPHAN, a progressiva preocupação com o restauro de bens móveis colocou em evidência a grande necessidade de se formar profissionais na área de conservação e restauração de obras de arte no país. Indo ao encontro daquelas preocupações e no contexto de uma Ouro Preto (e do Brasil) sob regime ditatorial, tem origem a FAOP e o curso de formação de restauradores.

Como vimos no segundo capítulo, na década de 60 tem início a Ditadura Militar (atualmente também lembrada como Ditadura Civil-Militar), marcada pela cassação de direitos políticos de opositores, pela repressão aos movimentos sociais e às manifestações públicas, pelas prisões arbitrárias, tortura e morte de opositores e pela censura aos meios de comunicação e aos artistas. Nesse contexto, Vinícius de Moraes, abrigando-se da repressão do Governo Costa e Silva, hospeda-se em Ouro Preto. O poeta teria sido incumbido pelo então governador de Minas Gerais, Israel Pinheiro, de realizar um projeto na cidade com o propósito de conservá-la e valorizá-la. Associando-se à atriz Domitila do Amaral e ao escritor Murilo Rubião, e auxiliado por Rui Mourão e Affonso Ávila, sugere a criação de uma fundação de arte. São redigidos os estatutos e o projeto de lei nº 5038 de 25 de novembro de 1968 dá origem à Fundação de Arte de Ouro Preto (FAOP).

Logo no ano seguinte, a FAOP começa a tomar corpo quando sua história se cruza com a de artistas que haviam escolhido viver em Ouro Preto em meio a toda a efervescência cultural e resistência política dos Festivais de Inverno da UFMG, criados em 1967. Uma “Escolinha de Arte” criada por Nello Nuno e Annamélia Lopes passa a integrar a FAOP em 1969, trazendo consigo vários cursos de arte. A ‘escolinha’ passaria a se chamar Escola de Arte Rodrigo Melo Franco de Andrade (EARMFA). Ainda na direção da fusão emblemática entre arte e patrimônio cultural, um restaurador formado no seio do IPHAN e em cursos no exterior<sup>130</sup>, soma-se à

---

<sup>130</sup> Segundo Gabriela Rangel, Jair Inácio, iniciou sua formação em restauro como auxiliar do professor Edson Mota e depois recebeu uma bolsa de estudos da Fundação Rockefeller para cursar Restauração de Obras de Arte no Institut Royal de Patrimoine Artistique na cidade de Bruxelas, tendo como orientador Paul Coremans. Seguindo sua especialização, em 1962, passou por 13 laboratórios em diversos países: Bélgica, Noruega, Dinamarca, Alemanha, França, Espanha, Portugal, Suíça, Inglaterra e Estados Unidos. Teve como professores diversas autoridades de renome mundial nos trabalhos de conservação e restauro e aprendeu técnicas até então pouco conhecidas no mundo. Em seus estágios participou da restauração na obra Descida da Cruz, de Peter Paul Rubens, na Catedral de Antuérpia, e nos afrescos da cripta da Catedral de Lovaina, ambas na Bélgica.

FAOP. Jair Afonso Inácio cria, no início da década de 70, seu curso de “Restauração de Obras de Arte”, que também é incorporado à FAOP.

A Fundação de Arte de Ouro Preto é marcada pelas relações com a arte, o patrimônio e a população ouro-pretana. Ela não oferece apenas cursos, mas também oferece a oportunidade à comunidade de acesso às artes, indo das atividades de iniciação à profissionalização, contribuindo para a difusão da arte e do fazer artístico numa cidade onde o patrimônio cultural é paradoxalmente, muitas vezes, valorado como um enclave turístico. A FAOP também exerce um papel extremamente importante na construção de uma rede de relações entre artesãos, artistas, intelectuais e população local; operando como um polo agregador e difusor do fazer artístico, além de contribuir para a formação de um mercado de trabalho local e regional na música, nas artes plásticas, no restauro de bens culturais e nos ofícios artesanais. Nosso interesse, nesta monografia, era, justamente, explorar esse papel da FAOP.

Assim, a fim de investigar a trajetória dos egressos do curso em Conservação e Restauro de bens móveis da FAOP e os laços criados entre colegas de curso e com a própria Fundação, o terceiro capítulo apresenta algumas estatísticas em relação à trajetória dos egressos e a exposição de alguns dados e opiniões acerca dos laços sociais.

A partir de uma planilha informativa a respeito dos ex-alunos da primeira turma regular (janeiro/2002) até a trigésima nona (julho/2016), disponibilizada pela Fundação, pode-se concluir que 47,9% dos egressos, desconsiderando os que não foram encontrados e/ou falecidos, estão trabalhando na área de formação. Dentre eles a grande maioria atua de forma autônoma e como prestadores de serviços e/ou em empresas. Na turma X e XI (julho/2008) há um ponto de inflexão que mostra uma discrepância na média das turmas anteriores em relação à das turmas posteriores, que merece ser melhor explorado em trabalhos posteriores. O período que engloba as turmas antecedentes ao ponto em questão apresenta uma média de 65,18% de egressos atuando na área e este percentual cai para 44,27% quando relacionado às turmas subsequentes.

Muito dos ex-alunos deram continuidade aos seus estudos. Entre os que deram continuidade, ao considerar a arquitetura, as artes plásticas e a museologia

como sendo uma extensão de conhecimento da área de conservação e restauro, pode-se afirmar que 78,7% continuaram com o estudo na área de sua formação.

Ao analisar as respostas do questionário enviado a alguns ex-alunos do curso, constata-se que a grande maioria crê que a maneira mais fácil de inserir no mercado de trabalho é através de laços fortes (pessoas íntimas), mas contradizendo as suas crenças, nota-se que eles conseguiram seus primeiros empregos na área através de laços fracos ou em alguns casos, até mesmo ausentes.

E quase por unanimidade, as respostas acerca da importância dos laços constituídos na FAOP, durante o curso, e através da Fundação após sua formação, apontam para a grande importância que eles vêm nas relações ali criadas, que os auxiliam no eventual êxito na busca por um emprego. Alguns entrevistados citaram que conseguiram emprego através de indicações de amigos de curso e até mesmo de professores da instituição.



## Referências Bibliográficas

- AGUIAR, Renato Armani ; FERREIRA, J. A. S. ; FURTADO, Marco Antônio Tourinho (2000). “Inovações gerenciais e viabilidade de plantas de produção de alumínio de pequeno porte”. In: 1º CONGRESSO INTERNACIONAL DA INDÚSTRIA DO ALUMÍNIO, 2000, São Paulo. Anais do 1º Congresso Internacional da Indústria do Alumínio, 2000.
- ANDRADE, Mário de. (1993). “A arte religiosa no Brasil”. São Paulo: **Experimento Giordano**. Apud NATAL, Caio Meneguello. (2007). “Mário de Andrade em Minas Gerais: em busca das origens históricas e artísticas da nação”. **História Social**, 13:193-207. Disponível em: <<https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/rhs/article/viewFile/217/209>>. Acesso em 04 fev. 2019
- BATISTA, Eduardo Luís de Oliveira. (2011). “*Blaise Cendrars - o terceiro elemento do movimento Pau-Brasil*”. **Itinerários, Araraquara**, 33:139-156. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/article/download/4865/4092>>. Acesso em 02 fev. 2019
- BOUÇA, David. (2014). **Resumo da obra The Strenghth of Weak Ties (A força dos laços fracos) de Mark S. Granovetter**. Blog Turismo, Administração e Hospitalidade. Disponível em: <<https://turismoadministracaoehospitalidade.wordpress.com/>>. Acesso em 10 nov. 2020
- CEIB (1999). “Editorial”. **Boletim CEIB**, 3(10):1-4. Disponível em: <<http://www.ceib.org.br/pub/Boletim10.pdf>>. Acesso em 21 jul.2020
- CHUVA, Márcia. (2003). “Fundando a nação: a representação de um Brasil barroco, moderno e civilizado”. **Revista TOPOI**, 4(7):313-333. Disponível em: <[http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/CHUVA2c%20Marcia%20R\\_%20Fundando%20a%20Nacao.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/CHUVA2c%20Marcia%20R_%20Fundando%20a%20Nacao.pdf)>. Acesso em:18 jul. 2018
- CHUVA, Márcia. (2012). “O modernismo nas restaurações do SPHAN modernidade, universalidade, brasilidade”. **Revista IEB**, 55:89-107. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rieb/n55/a06n55.pdf>>. Acesso em:18 jul. 2018
- CORTEZ, Luciano. (2010). “Por ocasião da descoberta do Brasil: três modernistas paulistas e um poeta francês no país do ouro”. **O Eixo e a Roda: Revista de Literatura Brasileira**, 1:15-37. Disponível em: <[http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o\\_eixo\\_ea\\_roda/article/view/3338/3268](http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/3338/3268)>. Acesso em 29 jan. 2019
- CUNHA, Cláudia dos Reis e. (2010). **Restauração: Diálogos entre teoria e prática no Brasil nas experiências do IPHAN**. São Paulo, FAUUSP. Biblioteca digital de teses da FAUUSP. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-26052010-090302/pt-br.php>>. Acesso em 28 abr. 2020

- DIAS, Rosália de Almeida. (2012). “Pau-Brasil: A viagem modernista de descoberta do país”. **Revista de Literatura, História e Memória**, Vol. 8, 11:56-72. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/rlhm/article/view/6507/5373>>. Acesso em 27 jan. 2019
- ESCOLA DE BELAS ARTES|UFMG (s/d). **Conservação e Restauração**. Belo Horizonte; EBA / UFMG. Disponível em: <[https://www.eba.ufmg.br/conservacao/?page\\_id=215](https://www.eba.ufmg.br/conservacao/?page_id=215)>. Acesso em 21 jul. 2020
- ESCOLA DE BELAS ARTES|UFRJ (s/d). **Cursos e Disciplinas**. Rio de Janeiro; EBA / UFRJ. Disponível em: <<https://eba.ufrj.br/cursos-disciplinas/>>. Acesso em 21 jul. 2020
- FAOP. (s/d). **Apresentação**. Ouro Preto; Fundação de Arte de Ouro Preto / Secretaria da Cultura / Governo de Minas Gerais. Disponível em: <<http://www.faop.mg.gov.br/apresentacao.php>>. Acesso em 04 de mai. 2020
- FAOP. (s/d). **Curso Técnico em Conservação e Restauo**. Ouro Preto; Fundação de Arte de Ouro Preto / Secretaria da Cultura / Governo de Minas Gerais. Disponível em: <<http://www.faop.mg.gov.br/curso.php?Curso-T%C3%A9cnico-em-Conserva%C3%A7%C3%A3o-e-Restauo&numero=16>>. Acesso em 04 de mai. 2020.
- FAOP. (2018). **Levantamento com os egressos do Curso Técnico em Conservação e Restauo**. Ouro Preto. Secretaria da Cultura de MG/FAOP.
- FAOP. (s/d). **Núcleo de Conservação e Restauração**. Ouro Preto; Fundação de Arte de Ouro Preto / Secretaria da Cultura / Governo de Minas Gerais. Disponível em: <http://www.faop.mg.gov.br/nuc-conservacao.php> . Acesso em 04 de mai. 2020.
- FCRB (s/d). **Drummond, testemunho da experiência humana**. Projeto Memória. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa. Disponível em: <[http://www.projetomemoria.art.br/drummond/vida/a-burocracia\\_no-mec.jsp](http://www.projetomemoria.art.br/drummond/vida/a-burocracia_no-mec.jsp)>,<<http://www.projetomemoria.art.br/drummond/vida/os-amigos.jsp>> e <<http://www.projetomemoria.art.br/drummond/>>. Acessos em 27 fev. 2020 e em 13 abr. 2019
- FOLHA DE SÃO PAULO. (2019). **Novo secretário de fomento à cultura acusou Rouanet de “marxismo cultural**. São Paulo. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/11/novo-secretario-de-fomento-a-cultura-acusou-rouanet-de-marxismo-cultural.shtml>>. Acesso em 10 ago. 2020
- FRANCO, Renato. (1994/1995). “Política e Cultura no Brasil: 1969-1979. (Des)figurações”. **São Paulo em Perspectiva**, 17-18:59-74. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/aulusmm/files/2016/03/1978-4592-1-PB.pdf>>. Acesso em 17 jun. 2020
- FUNDAÇÃO CULTURAL DE CURITIBA. (s/d). **Lei Rouanet: Como funciona**. Disponível em: <<http://www.fundacaoculturaldecuitiba.com.br/apoie-a-cultura/leiRouanet/como-funciona>>. Acesso em 02 mai. 2020

- GALLI, Cláudio; ALVES, Jéssica de Fátima Rossone; FARIA, Juliana Maria Sampaio; TAGLIATI, Kelly Dias; MARI, Nicola; BECKER, Simone Patrícia; MINGUCCI, Roberto. (2016). “A Teoria e Prática do restauro arquitetônico: A influência da cultura europeia e seus desdobramentos na realidade brasileira”. **arq.urb**, 16:7-20. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/326815883\\_A\\_Teoria\\_e\\_pratica\\_do\\_rest\\_auro\\_arquitetonico\\_A\\_influencia\\_da\\_cultura\\_europeia\\_e\\_seus\\_desdobramentos\\_na\\_realidade\\_brasileira\\_Theory\\_and\\_practice\\_of\\_architectural\\_restoration\\_The\\_influence\\_of\\_European\\_c](https://www.researchgate.net/publication/326815883_A_Teoria_e_pratica_do_rest_auro_arquitetonico_A_influencia_da_cultura_europeia_e_seus_desdobramentos_na_realidade_brasileira_Theory_and_practice_of_architectural_restoration_The_influence_of_European_c)>. Acesso em 30 abr. 2020
- GRANOVETTER, Mark S. (1995). **Getting a Job: a Study of Contacts and Careers**. 2. ed. The University of Chicago Press, Chicago. Apud LIMA, Luciana Conceição de. (2005). “Os efeitos dos laços fracos sob os laços fortes: uma relação entre associativismo e indicadores de capital social”. **Revista Três Pontos**, 2:2. Belo Horizonte; Centro Acadêmico de Ciências Sociais, UFMG. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistatrespontos/article/view/3197>>. Acesso em 30 set. 2020
- GRANOVETTER, Mark S. (1973). « The Strength of Weak Ties ». **The American Journal of Sociology**, v.78, n.6, p.1360:1380. Apud BOUÇA, David. (2014). **Resumo da obra The Strength of Weak Ties (A força dos laços fracos) de Mark S. Granovetter**. Blog Turismo, Administração e Hospitalidade. Disponível em: <<https://turismoadministracaoehospitalidade.wordpress.com/>>. Acesso em 10 nov. 2020
- GUIA DO ESTUDANTE. (2012). **Conservação e Restauro**. Disponível em: <<https://guiadoestudante.abril.com.br/profissoes/conservacao-e-restauro/>>. Acesso em 28 abr. 2020
- GUIMARÃES, Nadya Araújo. (2009). “A sociologia dos mercados de trabalho, ontem e hoje”. **Novos Estudos CEBRAP**, 85:150-171. São Paulo. Disponível em: <<file:///C:/Users/Win%2010/Desktop/Belle/Mono%20reta%20final/CAP%2003/x%20Lido%20-%20%20-%20resenha%20nadya%20castro.pdf>>. Acesso em 24 set. 2020
- GUIMARÃES, Nadya Araújo. (2008). “Como sair do desemprego? Laços fortes e laços fracos na procura de trabalho em São Paulo”. **BRASA-BRAZILIAN STUDIES ASSOCIATION, IX CONGRESSO**. New Orleans. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/20691296-Como-sair-do-desemprego-lacos-fortes-e-lacos-fracos-na-procura-de-trabalho-em-sao-paulo.html>> . Acesso em 30 set. 2020
- HORTA, Olívia Maria Mathiasi. (2014). “Mário de Andrade e os modernistas em Minas Gerais no reconhecimento da tradição para a identidade nacional brasileira”. **Revista Eletrônica do Netlli**, Vol. 3, 2:113-124. Disponível em: <<http://periodicos.urca.br/ojs/index.php/MigREN/article/viewFile/683/686>>. Acesso em 04 fev. 2019
- HYGINO, Manoel. (2012). “Apreciando paca e tatu com Neruda”. **Jornal Hoje em Dia**, 08/11/2012. Disponível em: <

<https://www.hojeemdia.com.br/opini%C3%A3o/colunas/manoel-hygino-1.332583/apreciando-paca-e-tatu-com-neruda-1.367639>>. Acesso em 05 ago. 2020

IFMG (s/d). **Conservação e Restauração**. Ouro Preto; IFMG / Campus Ouro Preto. Disponível em: <<http://www2.ouropreto.ifmg.edu.br/ensino/graduacao/cursos/tecnologia-em-conservacao-e-restauro>>. Acesso em 21 jul. 2020

IPAC. (s/d). **Monumenta**. Salvador; Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia. Disponível em: <<http://www.ipac.ba.gov.br/preservacao/monumenta>>. Acesso em 29 abr. 2020

IPHAN. (s/d). **Cartas Patrimoniais**. Rio de Janeiro: IPHAN. 3. ed. Rev. Aum. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/226>>. Acesso em 28 fev. 2020

IPHAN. (s/d). **Rodrigo Melo Franco de Andrade**. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/173>>. Acesso em 19 jul. 2018

JORNAL OPINIÃO (1973). “Ouro Preto – o roubo das imagens: como nos folhetins”. **Jornal Opinião**, outubro de 1973. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=123307&pagfis=1085&url=http://memoria.bn.br/docreader#>>. Acesso em 20 jul. 2020

KAMINSKI, Leon Frederico. (2012). **Por entre a neblina: o Festival de Inverno de Ouro Preto (1967-1979) e a experiência histórica dos anos setenta**. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, UFOP – Mariana. Disponível em: <[https://www.repositorio.ufop.br/bitstream/123456789/5697/1/DISSERTA%c3%87%c3%83O\\_NeblinaFestivalInverno.pdf](https://www.repositorio.ufop.br/bitstream/123456789/5697/1/DISSERTA%c3%87%c3%83O_NeblinaFestivalInverno.pdf)>. Acesso em 18 jun. 2020

LIMA, Luciana Conceição de. (2005). “Os efeitos dos laços fracos sob os laços fortes: uma relação entre associativismo e indicadores de capital social”. **Revista Três Pontos**, 2:2. Belo Horizonte; Centro Acadêmico de Ciências Sociais UFMG. Minas Gerais. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistatrespontos/article/view/3197>>. Acesso em 30 set. 2020

NATAL, Caio Meneguello. (2007). “Mário de Andrade em Minas Gerais: em busca das origens históricas e artísticas da nação”. **História Social**, 13:193-207. Disponível em: <<https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/rhs/article/viewFile/217/209>>. Acesso em 04 fev. 2019

NOBREGA, I. C. (1997). **Jair Afonso Inácio, um pioneiro na preservação do patrimônio artístico brasileiro**. São Paulo, UNESP. Biblioteca digital de teses e dissertações UNESP. Disponível em: <[https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/86990/nobrega\\_ic\\_me\\_ia.pdf?sequence=1&isAllowed=y&fbclid=IwAR0GhrQaxtxcn33TQ-](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/86990/nobrega_ic_me_ia.pdf?sequence=1&isAllowed=y&fbclid=IwAR0GhrQaxtxcn33TQ-)

Uz099PcOR7kmlOlpzvpKzumynY\_6A6miXL-QLgc7Y>. Acesso em 26 mar. 2019

PEIXOTO, João; EGREJA, Catarina. (2012). “A força dos laços fracos: Estratégias de emprego entre os imigrantes brasileiros em Portugal”. **Tempo Social**, 24:1. São Paulo. Disponível em: < <https://www.scielo.br/pdf/ts/v24n1/13.pdf>>. Acesso em 24 set. 2020

PENIDO, Flávio O. (s/d). **O condomínio**. Nova Lima; Morro do Chapéu Golfe Club. Disponível em: <<http://www.morrodochapeu.com.br/o-condominio/>>. Acesso em 18 jun. 2020

PEREIRA, Carlos Alberto; FERNANDES, Simone Monteiro Silvestre; SILVA, Fabiano Gomes da; OLIVEIRA, Heloísa; JÚNIOR, Antônio Netto. (2004). “Educação Patrimonial: Revisitando Ouro Preto Através da Cantaria”. **ANAIS DO 2º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA**. Belo Horizonte. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/congrent/Cultura/Cultura1.pdf>>. Acesso em 28 abr. 2020

PEREIRA, Fabrício Luiz; PEREIRA, Carlos Alberto; IMBELLONI, Alaine Moreira. (2013). “Projeto Cantaria: extensão universitária e a formação docente no viés da educação patrimonial”. **Revista Congreso Universidad**, 2(2), ISSN: 2306-918X. Disponível em: <<http://revista.congresouniversidad.cu/index.php/rcu/article/view/484>>. Acesso em 28 abr. 2020

PINTO, Raquel Reis Moura. (2018). **Acaso e vontade nas origens da Fundação de Arte de Ouro Preto**. Mariana, UFOP / ICSA / Curso de Ciências Econômicas (Monografia de Graduação).

RAUD-MATTEDI, Cécile Helene Jeanne. (2005). “Análise crítica da Sociologia Econômica de Mark Granovetter: os limites de uma leitura do mercado em termos de rede e imbricação”. **Revista de Sociologia Política**. Periódicos UFSC. Florianópolis. Disponível em < <https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/1931>>. Acesso em 24 set. 2020

RIBEIRO, Fernando D. C. (2018). **A arte da cantaria e dos mestres canteiros**. Disponível em: <https://chaves.blogs.sapo.pt/a-arte-da-cantaria-e-dos-mestres-1696511#:~:text=A%20t%C3%A9cnica%20de%20cantaria%20consiste,finalidade%20ornamental%20e%20Fou%20estrutural>. Acesso em 05 nov. 2020

RODRIGUES, Deise Simões; SILVA, Fabiano Gomes da; FORTES, Flávia Fonseca; SEGATO, Maurício Curi; PEREIRA, Carlos Alberto. (2004). “Escola de Cantaria de Ouro Preto: Pesquisa, Oficina e Preservação Patrimonial”. **ANAIS DO 2º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA**. Belo Horizonte. Disponível em: < <https://www.ufmg.br/congrent/Cultura/Cultura5.pdf>>. Acesso em 05 ago. 2020

SECRETARIA DA CULTURA. (2015). **Curso de Conservação e Restauro de obras sacras da FAOP mantém viva a memória de Minas Gerais**. Belo

Horizonte; Secretaria da Cultura / Governo de Minas Gerais. Disponível em: <<http://www.cultura.mg.gov.br/ajuda/story/2712-curso-de-conservacao-e-restauro-de-obras-sacras-da-faop-mantem-viva-a-memoria-de-minas-gerais>>. Acesso em 02 mai. 2020

SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA. (2018). **Lei Rouanet: como funciona o mecanismo de fomento à cultura**. Ministério do Turismo / Governo Federal. Disponível em: <<http://cultura.gov.br/lei-rouanet-como-funciona-o-mecanismo-de-fomento-a-cultura/>>. Acesso em 02 mai. 2020

SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA. (2019). **Nova Lei de Incentivo à Cultura reduz de R\$60 milhões para R\$1 milhão teto de captação por projeto**. Ministério do Turismo / Governo Federal. Disponível em: <<http://cultura.gov.br/nova-lei-de-incentivo-a-cultura-reduz-de-r-60-milhoes-para-r-1-milhao-teto-de-captacao-por-projeto/#:~:text=Nova%20cara,de%20cidadania%20para%20os%20brasileiros.>>. Acesso em 10 ago. 2020

SIGA. (2020). **Curso de Conservação e Restauração**. UFRJ, Escola de Belas Artes. Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://siga.ufrj.br/sira/temas/zire/frameConsultas.jsp?mainPage=/repositorio-curriculo/E73902D8-92A4-F79C-1470-CA8CBEAE3FAC.html>>. Acesso em 07 ago. 2020

SILVA, Frederico Spada & GOMES, Renato Cordeiro. (2017). “Pátria Pau Brasil: A moderna descoberta do país nos versos de Oswald de Andrade e Blaise Cendrars”. **ANAIS DO XV CONGRESSO INTERNACIONAL ABRALIC**, 2:2793-2801. Disponível em: <[http://www.abralic.org.br/anais/arquivos/2017\\_1522195854.pdf](http://www.abralic.org.br/anais/arquivos/2017_1522195854.pdf)>. Acesso em: 10 mar. 2020

SILVA, Michel Goulart da. (2019). “Bolsonaro e a perseguição ao “marxismo cultural””. **Esquerda Marxista**. Disponível em: <<https://www.marxismo.org.br/bolsonaro-e-a-perseguiacao-ao-marxismo-cultural/>>. Acesso em 10 ago. 2020

SILVEIRA, Marco Antônio; MAIA, Marta Regina; PEREIRA, Mateus Henrique de Faria; SILVA, Camilla Cristina. (2017). **A UFOP e a luta contra a Ditadura Militar – Relatório Final do GT Comissão da Verdade UFOP / Comissão Estadual da Verdade / MG**, Ouro Preto; UFOP. Disponível em: <[https://www.ufop.br/sites/default/files/relatorio\\_gt\\_ufop\\_1.pdf](https://www.ufop.br/sites/default/files/relatorio_gt_ufop_1.pdf)>. Acesso em 17 jun. 2020

SNIIC. (2016). **Fundação de Arte de Ouro Preto, agente 19056**. Brasília; Sistema Nacional de Informações e Indicadores Culturais / Secretaria da Cultura / Governo Federal. Disponível em: <<http://mapas.cultura.gov.br/agente/19056/>>. Acesso em 03 mai. 2020

SOARES, Vinícius. (2018). “Laços Fracos Sociais”. **Jornalismo ESPM**. Disponível em: <<https://medium.com/@jornalismoespm2017.1/la%C3%A7os-fracos-sociais-vinicius-soares->>

